



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

VICTOR MANUEL DE JESUS OLIVEIRA

JESUS CRISTO: O HOMEM PARA OS OUTROS?

Uma reflexão Cristológica, pedagógica e didática como contributo para a leção da unidade letiva “Jesus, um Homem para os outros” do 6º ano do Ensino Básico do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Sob orientação de:

Profª Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

Braga
2015

À minha esposa e aos meus filhos que sempre me põem a pensar na vida e no papel da educação.

AGRADECIMENTOS

“Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus”.

(Lc 18.27)

À minha Orientadora, Professora Doutora Maria Isabel Pereira Varanda, pela disponibilidade, contributos e sugestões recebidos, frutos da riqueza de experiências e conhecimentos.

À Orientadora do Agrupamento de Escolas Francisco Sanches, Professora Maria José Rodrigues Dias, pela disponibilidade e apoio prestado no decurso da lecionação da unidade letiva.

Por fim, mas com um agradecimento muito especial, à minha esposa e aos meus filhos, por todo o carinho e apoio, sem os quais nada teria sido possível. A eles um Muito Obrigado!

INDICE

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA NO CONTEXTO EDUCATIVO PORTUGUÊS	9
1. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas: Breve perspetiva histórica-normativa	9
2. O perfil do professor de EMRC	11
3. O contributo da EMRC para a formação integral do ser humano	14
4. O ensino da religião no contexto educativo da disciplina de EMRC	17
CAPÍTULO II – JESUS CRISTO: O HOMEM PARA OS OUTROS? – UMA ANÁLISE CRISTOLÓGICA CENTRADA NO MINISTÉRIO DE JESUS, NA PREGAÇÃO DO REINO E NA RESSURREIÇÃO COMO CONFIRMAÇÃO DA SUA MISSÃO	20
1. A situação política e religiosa da Palestina no tempo de Jesus Cristo	20
1.1. <i>Situação política</i>	21
1.2. <i>Situação religiosa</i>	24
2. Jesus Cristo: O Homem para os outros?	27
2.1. <i>A atitude e personalidade de Jesus Cristo</i>	27
2.2. <i>A pregação de Jesus Cristo</i>	32
2.2.1. <i>O anúncio do Reino de Deus</i>	32
2.2.2. <i>O conteúdo do Reino de Deus</i>	37
2.3. <i>A Boa Nova e a condenação de Jesus Cristo</i>	39
3. A morte e a ressurreição de Jesus Cristo	43
CAPÍTULO III – ANÁLISE PEDAGÓGICA E DIDÁTICA DA UNIDADE LETIVA “JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS”	48
1. Contextualização da unidade letiva no programa de EMRC	48
2. Breve descrição da escola	51
3. Caracterização da turma	53
4. Apresentação genérica da Unidade Letiva	54
4.1. <i>Aula nº 1</i>	60

4.2. <i>Aula n° 2</i> -----	63
4.3. <i>Aula n° 3</i> -----	68
4.4. <i>Aula n° 4</i> -----	73
4.5. <i>Aula n° 5</i> -----	75
5. Os diferentes momentos didáticos: avaliação e reflexão -----	78
CONCLUSÃO -----	82
BIBLIOGRAFIA -----	84
ANEXOS -----	88

INTRODUÇÃO

Este relatório reflete o trabalho desenvolvido durante a Prática de Ensino Supervisionada na área da Educação Moral e Religiosa Católica. Trata-se de uma reflexão Cristológica, pedagógica e didática como contributo para a lecionação da unidade letiva “Jesus, um Homem para os outros” do 6º ano do Ensino Básico do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica.

A opção por esta unidade está relacionada com a minha admiração pela pessoa e figura pública que foi Jesus Cristo. A Sua mensagem, as Suas atitudes, o Seu destino marcaram profundamente a história da humanidade. A título de exemplo, se no dia-a-dia observarmos um simples jornal, rapidamente nos apercebemos que a data inscrita é o testemunho da importância de Jesus Cristo.

O presente relatório encontra-se estruturado em três capítulos. O primeiro deles é dedicado à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no contexto do sistema educativo português. Sendo o ensino religioso nas escolas um fator decisivo para a educação integral dos alunos, seria empobrecedor realizar um trabalho excluindo dele o sistema de referências e de experiências significativas que a disciplina de EMRC possui. A própria Lei de Bases do Sistema Educativo reconhece a sua importância e enuncia princípios onde é possível enquadrar esta disciplina. Atendendo à importância de que se reveste a educação integral da pessoa humana, a Educação Moral e Religiosa Católica é claramente a resposta da Igreja a todo aquele que estiver disponível para compreender o Cristianismo e a sua relação com as demais visões do mundo. A experiência de aplicação dos conteúdos da Educação Moral e Religiosa Católica, bem como as mudanças socioculturais que se foram fazendo sentir na sociedade, reclamam, neste capítulo, a indispensabilidade de uma abordagem ao ensino da religião no contexto educativo desta disciplina. Esta referência, será um discurso que se insere no contributo da Igreja para as novas solicitações e os novos desafios da sociedade em geral, bem como nas orientações ético-religiosas consideradas mais adequadas à construção da personalidade dos alunos, em particular.

Torna-se, também, crucial dedicar um ponto ao estudo do perfil do professor de EMRC, pelo desafio à criatividade e ao sentido profissional com que encara quotidianamente a sua ação nas escolas.

No segundo capítulo centrar-me-ei na pessoa que foi Jesus Cristo, daí a questão que trazemos fazer todo o sentido – *Jesus Cristo: o Homem para os outros?* Será feita uma análise cristológica centrada no ministério de Jesus, na pregação do Reino e na ressurreição como confirmação da sua missão. Como ponto de partida abordaremos o aspeto político-religioso sob o domínio do Império Romano e as suas implicações no quotidiano dos judeus durante a época em que nasceu Jesus e o tempo da Sua pregação. Ao nos debruçarmos sobre a pregação de Jesus irei fazer referência ao anúncio do Reino de Deus e à sua mensagem, estabelecendo uma relação com os argumentos apresentados no processo que culminou com a sua morte. Após a apresentação do contexto em que Jesus vivia a iminência da morte, decorrente das revoltas contra o Império Romano que limitava os costumes judaicos e cobrava altos impostos, investigaremos a participação do Sinédrio, de Pilatos e das pessoas com as quais Jesus interagiu, no processo que o levou à crucificação. No entanto, Jesus foi aceite pelo Seu Pai que o ressuscitou e o constituiu “Senhor e Cristo” (Act 2, 36). No último ponto deste capítulo será nossa preocupação mostrar o sentido da Sua morte na cruz e expor de que forma a ressurreição foi concebida pelos seguidores de Jesus. Partindo do pressuposto de que a morte de Jesus na cruz é um tema central da cristologia e, por conseguinte, de toda teologia cristã, concluiremos este capítulo com uma abordagem às mais recentes interpretações do sentido da morte de Jesus Cristo. São vários os textos, de géneros literários diferentes e de épocas distintas, que atestam a historicidade da morte de Jesus e lhe acrescentam uma interpretação. Com o advento da escolástica foi possível observar uma nova leitura do sentido da morte de Jesus. A questão do sofrimento ganhou maior destaque favorecendo uma mística da imitação de Cristo Sofredor e uma espiritualidade que valorizava a dolorosa morte de Jesus como único e verdadeiro penhor da salvação humana. Faremos também referência a algumas reflexões de teólogos modernos que, ao

abordarem o tema da morte de Jesus, apresentaram uma visão que vai para além do valor do sofrimento.

O último capítulo faz uma transposição no essencial, para dentro da sala de aula, da construção teórica da unidade letiva 2 – *Jesus, um Homem para os outros*. O último normativo relativo à organização e gestão curricular do ensino básico introduziu transformações significativas na conceção do processo de ensino-aprendizagem. Desde logo, a relevância dada à noção de meta veio colocar novos desafios ao modo como são concebidos os programas, como as escolas se organizam, como se avaliam os processos e as estruturas e à forma como os docentes são chamados a orientar o sucesso educativo dos seus alunos. Respondendo aos desafios da referida reorganização, a primeira parte deste capítulo é dedicada à contextualização da supramencionada unidade letiva no programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Uma breve descrição da escola e uma pequena caracterização da turma são condição indispensável à elaboração de uma planificação de qualquer unidade letiva. O caminho seguinte é uma apresentação genérica da unidade, a que se segue uma descrição detalhada de cada uma das aulas prevista para a lecionação da mesma. A chegar à meta, encerramos os trabalhos com uma breve reflexão e avaliação de cada uma das sessões em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada.

CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA NO CONTEXTO EDUCATIVO PORTUGUÊS

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, embora de caráter facultativo, assume um papel fundamental no seio da instituição escolar, porque tem como “objetivos fundamentais educar para a dimensão moral e religiosa e para a compreensão dos elementos mais profundos da cultura nacional”¹.

Assim sendo, o presente capítulo irá traçar uma perspetiva histórica-normativa da disciplina de EMRC nas escolas. Como o aluno necessita de obter um conjunto de conhecimentos, que garantem a apropriação eficaz da cultura em que está imerso, faz todo o sentido dedicar um tópico à abordagem do perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica. Atendendo à importância de que se reveste a educação integral da pessoa humana, será analisado o contributo da disciplina de EMRC para essa construção. Por último, como a dimensão moral e religiosa da vida é estruturante para o crescimento das crianças e jovens, dedicou-se o último ponto deste capítulo ao ensino da religião no contexto educativo da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

1. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas: Breve perspetiva histórica-normativa

Para percebermos o caminho percorrido pela disciplina de EMRC até adquirir estatuto de autonomia, comecemos por fazer referência à Lei de Bases do Sistema Educativo, que rege a política educativa desde 1976.

No artigo número dois da supracitada Lei é possível extrair o seguinte:

“Todos os portugueses têm direito à educação e à cultura, nos termos da Constituição da República”, no acesso à educação e na sua prática é garantido a todos os portugueses o respeito pelo princípio da liberdade de aprender e de ensinar, com tolerância para com as escolhas possíveis, tendo em conta, designadamente, os seguintes princípios:

¹ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, 2007, 14.

- a) Ao Estado não pode atribuir-se o direito de programar a educação e a cultura segundo quaisquer diretrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas;
- b) O ensino público não será confessional”².

O enquadramento jurídico da disciplina de EMRC é regulado pela Nova Concordata de 2004, em vigor desde o início de 2005, assinada entre a Santa Sé e a República Portuguesa. Ainda hoje este instrumento legal continua a ser “o suporte jurídico fundamental que legitima a Educação Moral e Religiosa Católica nos estabelecimentos de ensino público não superior”³.

O Decreto-Lei n.º 323/83, de 5 de Julho, lança os fundamentos da regulamentação da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, referindo o facto de esta fazer parte do currículo escolar normal das escolas públicas e estar sujeita ao regime aplicável às restantes disciplinas curriculares, salvaguardado o seu carácter específico.⁴

A Portaria n.º 333/86, de 2 de Julho, complementa a informação acima transcrita uma vez que vem regulamentar a lecionação da disciplina no 1.º Ciclo. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica faz parte integrante do currículo do 1º Ciclo, ao mesmo nível das demais disciplinas.⁵

A Lei de Bases determina a inclusão da disciplina de Educação Moral nos planos curriculares do ensino básico e secundário, embora de frequência facultativa.⁶ O Decreto-lei nº 70/2013 de 23 de Maio e o Decreto-Lei 323/83 de 5 Julho, de acordo com o art.º 21 da Concordata, reúne e configura toda a legislação anterior e abre caminho ao direito dos alunos e dos encarregados de educação de escolherem um projeto educativo assente nos valores desta disciplina.

² ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei n.º 46/86 de 14 de outubro in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série - N.º 237 - 14 de outubro de 1986.

³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Fátima, 2006, 4.

⁴ Cf. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Decreto-Lei n.º 323/83 de 5 de julho de 1983 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série - N.º 152 - 5 de julho de 1983.

⁵ Cf. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Portaria n.º 333/86 de 2 de julho de 1986 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série - N.º 149 - 2 de julho de 1986.

⁶ Cf. ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei n.º 46/86 de 14 de outubro in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série - N.º 237 - 14 de outubro de 1986.

Segundo a Concordata, a orientação do ensino da Educação Moral e Religiosa Católica é da responsabilidade da Igreja, uma vez que é a esta que compete o reconhecimento da idoneidade dos docentes de EMRC; a elaboração e revisão dos programas da disciplina e a consequente edição e divulgação dos manuais; a elaboração de outros instrumentos auxiliares de trabalho, destinados a alunos ou professores.⁷

Ao Estado compete cumprir o imperativo constitucional de cooperar com os Pais na educação, proporcionando modelos educativos diversos, segundo as suas opções; e não impondo um dirigismo educativo (que lhe está vedado pela Constituição). A neutralidade e independência do Estado não se confunde com uma escola em que se imponha uma educação laica. Por outro lado, a verificação da constitucionalidade dos diplomas específicos, não deixa margem para dúvidas: se fosse violada a lei da separação, teriam sido declarados inconstitucionais.⁸

Deste modo e tal como é preconizado pela Concordata, é um dever do Estado, no âmbito da liberdade religiosa, “cooperar com os pais na educação dos filhos, garantir as condições necessárias para assegurar, nos termos do direito português, o ensino da religião e moral católicas nos estabelecimentos de ensino público não superior”⁹. A frequência deste ensino “depende de declaração do interessado, quando para tanto tenha capacidade legal, dos pais ou do seu representante legal”¹⁰.

2. O perfil do professor de EMRC

O professor de Educação Moral e Religiosa Católica deve possuir uma identidade dissemelhante, algo que o diferencie dos demais docentes. Ou seja, um indivíduo com fé e uma clara identidade cristã e eclesial. Um docente que possua saber específico e uma profunda sensibilidade social, bem como uma incontestável preocupação missionária, testemunhando o

⁷ Cf. ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, resolução n.º 74/2004 de 18 de maio de 2004 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série A - N.º 269 - 16 de novembro de 2004.

⁸ Cf. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA, Almedina, Coimbra, 2005.

⁹ ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, resolução n.º 74/2004 de 18 de maio de 2004 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série A - N.º 269 - 16 de novembro de 2004.

¹⁰ *Ibidem*.

que é ser cristão dentro de uma organização escolar onde a conquista do espaço é cada vez mais uma tarefa árdua. Todavia a maturidade humana, cristã e apostólica, subjacente à identidade do professor de EMRC, torna este propósito uma batalha para conquistar.

O professor de EMRC, enquanto pedagogo da esperança, deve desfrutar de uma enorme satisfação e prazer em anunciar a Palavra e o Evangelho de Jesus Cristo, por também ele sentir a alegria divina de quem participa do amor de Deus, conhecido e amado como bem supremo. É neste sentido que podemos e devemos pensar que “o destino futuro da humanidade está nas mãos daqueles que souberem dar às gerações vindouras razões de viver e de esperar”¹¹.

Num mundo onde a exigência em professores com convicções profundas é cada vez maior, os indivíduos educados na fé têm a missão de demonstrar a sua esperança e anunciar a própria fé com a competência e a alegria de quem anuncia a Boa Nova, procurando cooperar com a ação de Deus junto daqueles que Ele chama para a Sua Igreja. Partindo dos valores cristãos promotores de paz tantas vezes explicitados nas diferentes intervenções do Magistério da Igreja e da própria Sagrada Escritura – justiça, liberdade, verdade, perdão e amor – o docente de EMRC deve ter consciência da sua missão de discípulo e de profeta. O professor de EMRC precisa de olhar para si e experimentar Deus na sua vida, para poder ajudar os jovens adolescentes a experimentá-Lo também. Isto exige que o próprio docente tenha feito um itinerário que o ajude a estar desperto para a importância de educar para os valores cristãos e perceba que a sua conduta pessoal já é um espelho de “ensinamentos” para os seus alunos. O mesmo se aplica à forma como este docente gere a sua conduta no contacto com todos os agentes que integram a grande comunidade educativa.

O docente de EMRC deve ter consciência de que, na sua conduta de todos os dias, pelo que diz e faz, contribuiu para a formação integral dos seus educandos. Ou seja, se quer ser um agente eficaz, promotor dos valores cristãos, deve antes de mais, ele próprio, valorizá-los nas pequenas e grandes coisas da sua vida pessoal e profissional. O facto de ser um indivíduo com

¹¹ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral, *Gaudium et Spes*, nº 31, 1965.

uma maior capacidade reflexiva sobre a vida e o dia-a-dia ajuda na tarefa de educar e de ensinar. Ensinar pelo que se diz, mas também pelo que se é.

Segundo a Concordata, jamais “o ensino da religião e moral católica pode ser ministrado por quem não seja considerado idóneo pela autoridade eclesiástica competente, a qual certifica a referida idoneidade”.¹²

Talvez possamos considerar que um indivíduo idóneo será aquele que apresenta um perfil em consonância com o descrito por Tomaz da Silva Nunes:

- “1. Personalidade humana – Equilíbrio humano, maturidade, facilidade de estabelecer relações interpessoais, sensibilidade à problemática sociocultural; abertura de espírito universal, postura cívica e ética.
2. Personalidade docente – Propensão para a educação e o ensino, aptidão científica (teológica, didáctica e pedagógica) e profissional; compromisso na aquisição de formação permanente; disponibilidade para assumir responsabilidades na comunidade educativa; abertura ao estabelecimento de redes com as famílias e a comunidade envolvente; capacidade de liderança (...).
3. Personalidade crente – Fé (comprometida); testemunho de coerência e integridade de vida; clareza e objectividade na transmissão da fé e da doutrina da Igreja; capacidade para criar nos alunos abertura à dimensão religiosa e à busca de opções pessoais; capacidade para ajudar a amadurecer nos alunos as interrogações de sentido para a vida”¹³.

Similarmente, Leonardo Boff traduziu de forma simples o perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica, não obstante a sua personalidade e as suas falhas. Assim, “quem quiser ser instrumento da paz de Deus deve ele mesmo ser uma pessoa pacificada, imbuída de cuidado essencial e cheia do espírito de bem aventuranças, que é o que traz a paz. Deve irradiar paz de dentro para fora a partir da sua identidade mais profunda”¹⁴.

Em contrapartida, Américo Veiga considera que “todo o ser humano e só ele, é um ser moral porque está chamado a assumir e a construir a sua própria vida. (...) Só a pessoa humana é

¹² ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, resolução n.º 74/2004 de 18 de maio de 2004 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série A - N.º 269 - 16 de novembro de 2004.

¹³ Tomaz da SILVA NUNES, *O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica* in *Fórum de EMRC*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2005, 93.

¹⁴ Leonardo BOFF, *A oração de São Francisco. Uma mensagem de paz para o mundo atual*, Sextante, Rio de Janeiro, 1999³, 60-61.

sujeito de moralidade e só ela é capaz de fazer actos morais, sendo esta uma das características mais tipicamente humanas”¹⁵.

Progressivamente, a tendência é para se caminhar:

“para uma concepção mais global e envolvente da educação, como processo que conduz à passagem da consciência de ser indivíduo, membro da espécie humana, à consciência de ser pessoa, com o que isso implica de esforço de elevação do ser humano em direção ao seu próprio aperfeiçoamento, crescendo no conhecimento e na afirmação de si mesmo (autonomia) e no estabelecimento da indispensável relação pessoal com os outros (solidariedade)”¹⁶.

3. O contributo da EMRC para a formação integral do ser humano

A Educação Moral e Religiosa Católica, com a sua identidade própria, desempenha um papel fundamental na formação integral do ser humano. Nas escolas, é uma das disciplinas que mais contribui para que cada aluno cresça integrando-se, aprenda a dialogar com os saberes e a fé, contribuindo para o discernimento dos valores que respeitam a dignidade humana.

À semelhança do que é preconizado pela Congregação para o Clero, “o que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes”¹⁷. É esta peculiaridade que faz da Educação Moral e Religiosa Católica uma disciplina que contribui para a formação integral do aluno, que permite o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Tal só é possível de alcançar com recurso ao diálogo da cultura, aos saberes adquiridos nas outras disciplinas e aos valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa.

O contributo da Educação Moral e Religiosa Católica para o desenvolvimento integral das crianças e jovens prende-se com o reconhecimento da sua “componente religiosa como fator

¹⁵ Américo VEIGA, *A Educação Hoje*, Editorial Perpétuo Socorro, Vila Nova de Gaia, 2005, 283.

¹⁶ Tomaz da SILVA NUNES, «O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica» in *Fórum de EMRC*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2005, 90.

¹⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, n.º 73, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 1998.

insubstituível para o crescimento em humanidade e em liberdade”¹⁸. Neste âmbito, a Educação Moral e Religiosa Católica ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida e mostra que “o Evangelho de Cristo oferece uma verdadeira e plena resposta, cuja fecundidade inexaurível se manifesta nos valores de fé e de humanidade, expressos pela comunidade crente e arraigados no tecido histórico e cultural das populações da Europa”¹⁹. Assim, a dimensão religiosa faz parte da formação da pessoa humana. Ou seja, não haverá educação integral se a mesma não for tomada em consideração; nem se compreenderá verdadeiramente a realidade social sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais. A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tem, pois, um amplo alcance cultural e “um claro valor educativo”,²⁰ cujo objetivo é “formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade”²¹.

Ao longo destes anos, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica tem desenvolvido um trabalho importante na formação dos nossos alunos, a corroborar pelo número de alunos inscritos. Para tal, muito tem contribuído “a competência, o empenho e a dedicação dos respetivos professores”²², bem como “o pedido e apoio das famílias”²³. Os pais têm “o direito e o dever de escolher o projeto educativo para os seus filhos, na medida do possível e dentro de uma pluralidade de ofertas”²⁴. Jamais devem esquecer a importância da dimensão religiosa para a educação integral dos filhos, até porque “a primeira responsabilidade educativa dos pais é irrenunciável e inalienável”²⁵.

¹⁸ JOÃO PAULO II, *Conhecer o Património do Cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica. Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública*, 15/04/1991, in *L'Osservatore Romano*, nº 16, 21/04/1991.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ *Ibidem*.

²² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, nº 73, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 1998.

²³ *Ibidem*.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ *Ibidem*.

Não obstante o exposto, a verdade é que o carisma e o profissionalismo do professor constituem razão principal para a inscrição na disciplina, prevalecendo sobre “o reconhecimento do valor da Disciplina para a formação dos alunos”²⁶.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é o lugar de excelência ao desenvolvimento harmonioso do aluno, considerado nas suas dimensões corporal e espiritual, bem como de abertura à transcendência, aos outros e ao mundo que é chamado a construir. Se nos debruçarmos sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica a que Tomaz da Silva Nunes faz referência, verificamos que os alunos devem:

- “a) apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- b) conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- c) estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- d) adquirir uma visão cristã da vida;
- e) entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- f) adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- g) apreender o fundamento religioso da moral cristã;
- h) conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- i) formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- j) estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- l) aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência”²⁷.

Tais finalidades só são passíveis de ser alcançadas, se esta disciplina tiver “a mesma exigência de sistematização e rigor que têm as demais disciplinas”²⁸. Por outro lado, a Educação Moral e Religiosa Católica “deve apresentar a mensagem e o acontecimento cristão com a mesma seriedade e profundidade com que as outras disciplinas apresentam os seus saberes”.²⁹

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ Tomaz da SILVA NUNES, «*O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica*» in *Fórum de EMRC*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2005, 79.

²⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, n.º 73, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 1998.

²⁹ *Ibidem*.

4. O ensino da religião no contexto educativo da disciplina de EMRC

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é coordenada em termos genéricos pela Conferência Episcopal Portuguesa, mais concretamente pelo órgão competente que é o Secretariado Nacional da Educação Cristã. Ora vejamos o que este órgão definiu como sendo o grande objetivo desta disciplina:

“O ensino religioso escolar ocupa um lugar fundamental no sistema educativo. (...) Assim sendo, é evidente o interesse para a educação das crianças e dos jovens a existência de uma disciplina que, embora mantendo o seu carácter facultativo, dada a sua natureza confessional, tenha como objetivos fundamentais educar para a dimensão moral e religiosa e para a compreensão dos elementos mais profundos da cultura nacional, necessariamente aberta ao mundo”³⁰.

Tendo em conta “a especificidade da disciplina de EMRC, as dinâmicas de autoaprendizagem, do trabalho de grupo, do trabalho de projeto, do ensino por descoberta, dos jogos didáticos, das fichas de trabalho, entre outros, são de favorecer”³¹. Assim, o objetivo é ensinar os discentes a desenvolverem as suas próprias capacidades de aprendizagem e a refletirem, partindo dos seus próprios conhecimentos e ideias. Por outro lado, ao docente de Educação Moral e Religiosa Católica é-lhe solicitado o recurso a estratégias diversificadas, motivadoras e criativas, capazes de facilitarem aos alunos a aquisição e solidificação dos conteúdos lecionados.

No programa de Educação Moral e Religiosa Católica, o ensino das religiões é uma temática transversal aos vários anos de escolaridade, pelo que encerra em si um papel de extrema relevância, uma vez que é nesse olhar sobre o passado que se constrói uma identidade e se adquirem sentimentos de pertença. Se somos capazes de perceber que as religiões se baseiam em registos históricos, também concebemos que alguns são de índole surreal. Cabe a cada aluno, a responsabilidade de desenvolver o seu conhecimento, potenciando as suas capacidades de reflexão, análise e exegese relativamente às diferentes religiões abordadas em contexto de sala de aula.

³⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Enquadramento da disciplina de EMRC*, Fátima, 2010.

³¹ ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, resolução n.º 74/2004 de 18 de maio de 2004 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série A - N.º 269 - 16 de novembro de 2004.

Segundo a Conferência Episcopal Portuguesa, o trabalho que é desenvolvido pelas próprias Conferências Episcopais ao nível da definição de linhas diretrizes, não é mais do que:

“um ponto de referência que estimule e ajude a levar por diante, no diálogo profícuo e com empenho e interesse renovados a missão de contribuir para a formação da personalidade dos nossos educandos, pela descoberta do projeto de Deus sobre a pessoa, a vida humana e a sociedade”³².

Jorge Otaduy abordou o tema do ensino da religião segundo duas linhas de aproximação: uma teórica ou prática, baseada numa perspetiva de instrumentos de evangelização e desenvolvimento da atividade pastoral, e outra doutrinal e política, fundamentada na análise das circunstâncias históricas, dos objetivos das políticas eclesiais, bem como do processo de negociação entre a Igreja e o Estado.³³ Assim, o ensino da religião no contexto educativo da disciplina de EMRC tem um carácter formativo e não apenas instrutivo, uma vez que pressupõe o diálogo no ensinamento religioso com as restantes disciplinas académicas, assim como oferece às famílias e aos alunos um carácter confessional a tais ensinamentos.³⁴ A “Igreja defende um modelo de ensino religioso que conduza à plenitude do reconhecimento académico e à normalização da disciplina no marco escolar”³⁵. O caminho pela qual esta instituição tem enveredado tem subjacente a distinção entre o ensino da religião e a catequese. Se por um lado há uma clara distinção entre o ensino religioso na escola e a catequese, por outro a relação entre ambos é de uma certa complementaridade.

O Papa João Paulo II defendia o ensino da religião dependente da Igreja, quer na sua docência quer nos conteúdos a abordar, mas integrado numa estrutura escolar moderna. Cabe aos professores de EMRC estabelecer a devida interdisciplinaridade com as demais disciplinas, de modo a realizar uma coordenação entre o saber humano e o conhecimento religioso, contribuindo desta forma para a promoção cultural dos alunos.

³² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Fátima, 2006, 12.

³³ Cf. Jorge OTADUY, *La enseñanza religiosa escolar durante el pontificado de Juan Pablo II*, in *Cadernos doctorales*, n.º 15, 2006, 111.

³⁴ Cf. *Ibidem*, 126.

³⁵ ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, resolução n.º 74/2004 de 18 de maio de 2004 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série A - N.º 269 - 16 de novembro de 2004.

É necessário, portanto, que o ensino da religião “não se concebe como um anacrônico resíduo de uma antiga confessionalidade católica do Estado, mas como instrumento ao serviço da cultura e da garantia dos direitos fundamentais dos cidadãos”³⁶. Assim, o Pontificado de João Paulo II foi extraordinariamente fecundo no que toca ao esclarecimento das posições da Igreja em matéria de ensino religioso. A própria *Catechesi tradendae* faz referência a este ensino cristão escolar “como uma garantia da liberdade religiosa, direito de todos os estudantes e não só de aqueles que frequentam os centros católicos”³⁷.

Não obstante o exposto, torna-se imprescindível que o ensino da religião se apresente como uma disciplina capaz de transmitir a mensagem e o evento cristão com a mesma seriedade e profundidade com que as demais disciplinas apresentam os seus conteúdos programáticos. À Igreja cabe a árdua tarefa de continuar, sob o impulso do Espírito consolador, a obra de Cristo.

³⁶ Jorge OTADUY, *La enseñanza religiosa escolar durante el pontificado de Juan Pablo II*, in *Cadernos doctorales*, nº 15, 2006, 113.

³⁷ *Ibidem*, 115.

CAPÍTULO II – JESUS CRISTO: O HOMEM PARA OS OUTROS? - UMA ANÁLISE CRISTOLÓGICA CENTRADA NO MINISTÉRIO DE JESUS, NA PREGAÇÃO DO REINO E NA RESSURREIÇÃO COMO CONFIRMAÇÃO DA SUA MISSÃO

Quando Jesus Cristo nasceu, a Palestina era governada por Herodes. À morte deste, o reino foi dividido pelos seus três filhos: Arquelau, Herodes Antipas e Filipe. É de salientar que Herodes Antipas esteve envolvido na morte de Jesus.

A situação política e religiosa da Palestina era bastante complexa, pelo que o conhecimento das linhas gerais dessa época torna-se imprescindível a uma análise cristológica centrada no Ministério de Jesus.

Uma abordagem aos escritos do Novo Testamento afigura-se também um vetor crucial à compreensão das atitudes e personalidade de Jesus, das Suas palavras e uma imagem aproximada da figura de Jesus Cristo. Estas vertentes lançam uma luz decisiva sobre o Ministério de Jesus Cristo.

Durante muito tempo a centralidade da cristologia permaneceu fixada no evento da encarnação, intuído a partir dos textos bíblicos do Novo Testamento. Dos textos dos evangelhos iremos fazer uma leitura instrumentalmente apologética, aproveitando, por exemplo, os milagres por Ele realizados para reforçar o Seu poder e divindade. Este será um dos pontos do nosso trabalho, a procura do Jesus Cristo histórico.

Embora não seja o nosso enfoque principal a morte e ressurreição de Jesus Cristo, será sempre válido dedicar parte da nossa atenção a essas questões, justamente pelo tamanho da sua influência. Porém, estamos de plena consciência do quanto a nossa abordagem será genérica.

1. A situação política e religiosa da Palestina no tempo de Jesus Cristo

Nessa época, a situação política e religiosa da Palestina era bastante complexa, daí se tornar imperioso um conhecimento generalizado desse tempo para a compreensão da história de Jesus Cristo.

Aquando do nascimento de Jesus Cristo, a Palestina era governada por Herodes que havia sido nomeado pelos Romanos no ano 37 a.C. À sua morte, o reino foi dividido pelos três filhos: Arquelau, Herodes Antipas e Filipe. Podemos desde já adiantar que foi exatamente Herodes Antipas quem esteve envolvido na morte de Jesus.

1.1. *Situação política*

No ano 63 a.C. as tropas romanas chegaram à Palestina colocando em prática um ambicioso plano para dominar todo o Médio Oriente. Dominar esta região significava, além do crescimento geográfico e económico, construir um cordão protetor contra o perigo árabe e parta que provinha do leste e cujas regiões ainda não estavam subjugadas.³⁸ O general Pompeu ficou na história como o grande vitorioso desta batalha. Os seus exércitos invadiram a região, “queimando aldeias, escravizando os sadios e matando os incapazes”³⁹. Durante este período, todo o mar Mediterrâneo, desde as colunas de Hércules até o Médio Oriente, era controlado pelos romanos.⁴⁰

O cenário era de autêntica pilhagem. Nas rotas romanas, os ladrões roubavam as mercadorias que eram transportadas para a sede do império. Pelo mar, os navios mercadores eram assaltados por piratas. Os comerciantes, por sua vez, insistiam que o império investisse em campanhas bélicas mais eficazes para expandir e consolidar o comércio.⁴¹ Uma das rotas deste próspero comércio era a da Palestina.

Assim, a Palestina entrava num novo regime de dominação. Depois dos assírios, babilónios, persas e gregos, passa agora para o domínio romano. Para governar o novo território, em nome do imperador de Roma, foi escolhido Herodes, o Grande. Herodes era um nobre que tinha ascendência aristocrata e um grande conhecedor da cultura judaica, razão pela qual no ano

³⁸ Cf. Joaquín GONZÁLES ECHEGARAY, *A Bíblia e seu contexto. Introdução ao estudo da Bíblia*, V. 1, Edições Ave-Maria, São Paulo, 1994, 265.

³⁹ Richard HORSLEY, *Jesus e o império. O reino de Deus e a nova desordem mundial*, Paulinas. São Paulo, 2004, 21.

⁴⁰ Cf. *Ibidem*, 26.

⁴¹ Cf. *Ibidem*, 24.

40 a.C. é coroado pelo Senado romano como o “rei dos judeus”.

Entretanto, é importante referir que quando Herodes desembarcou na Palestina teve que enfrentar os exércitos dos judeus na região da Galileia e, posteriormente, na Judeia, onde reinava o seu rival Antígono apoiado pelos partas.⁴² Porém, Herodes teve sempre à sua disposição as tropas romanas enviadas para essa região a fim de garantir o domínio sobre os súbditos.

Foram necessários três anos de lutas para que Herodes reinasse soberanamente. Tal aconteceu entre o ano 37 a.C. e o ano 4 d.C., um período razoavelmente longo para os padrões da época.

O reinado de Herodes ficou na memória pela sua política de grandeza e beleza, ao mesmo tempo que desenvolveu uma cultura de passividade e de conservação da identidade judaica, pois os israelitas podiam viver a sua religiosidade sem perder as raízes e oferecer resistência ao novo regime político.⁴³

A elite e os sacerdotes do Templo de Jerusalém sempre manifestaram apoio e simpatia pelo facto de Herodes ter ascendência judaica. Mas, também, “os reis herodianos e as famílias sumo sacerdotais em Jerusalém colaboravam com o domínio romano pura e simplesmente porque dele dependiam diretamente e por ele eram diretamente responsáveis”⁴⁴. Quanto às classes inferiores dos judeus, sempre demovidas ao domínio externo, praticamente não tiveram nenhuma reação subversiva durante o reinado de Herodes.

A chave do sucesso dos romanos na Palestina sempre foi a de fazer um acordo com as elites locais para que estas se encarregassem de proteger o território. Tal pretensão só foi alcançada quando Roma tomou para si o direito de indicar o Sumo-sacerdote,⁴⁵ cuja missão era pacificar qualquer tentativa de revolta popular, usando a força da religião. Deste modo, os Sumos-sacerdotes deviam, portanto, estar em consonância com o poder político, beneficiar o

⁴² Cf. *Ibidem*, 35.

⁴³ Cf. Joaquín GONZÁLES ECHEGARAY, *A Bíblia e seu contexto. Introdução ao estudo da Bíblia, V. 1*, Edições Ave-Maria, São Paulo, 1994, 277.

⁴⁴ Richard HORSLEY, *Jesus e o império. O Reino de Deus e a nova desordem mundial*, Paulinas, São Paulo, 2004, 43.

⁴⁵ O Sumo-sacerdote era o chefe máximo dos Sacerdotes.

seu partido de base e defender os direitos e interesses das elites judaicas.

O evangelista São Lucas relata-nos que Jesus nasceu em Belém, de Judá, durante o domínio do Império Romano. O pai de Jesus era José, um carpinteiro de Nazaré, pequena cidade da Galileia. A sua mãe chamava-se Maria. Ambos os seus progenitores eram judeus e viviam em Nazaré, pequena província da Palestina.

As populações, conquistadas pelo Império Romano, eram forçadas a contribuir para o sistema fiscal de Roma, através do pagamento de impostos. Os governadores de Roma realizavam, periodicamente, recenseamentos para a atualização do registo dos seus contribuintes.

São Lucas, na narrativa do nascimento de Jesus, conta-nos que o imperador romano, César Augusto, deu ordens para que todos os povos da Palestina, que estavam sob o domínio do Império Romano, se recenseassem nos lugares de origem, ou na terra de origem dos seus antepassados. Foi nestas circunstâncias que José e Maria fizeram uma viagem de Nazaré até Belém, estando Maria grávida de Jesus e próximo a dar à luz.

Jesus nasce exatamente nesse contexto histórico imbuído pela perspectiva messiânica devido à exploração romana e aos altos impostos. Esta política permaneceu durante a era herodiana, no final da qual nasce Jesus Cristo.

Desde os primeiros anos de dominação na Palestina que o Império Romano se caracterizava pela hostilidade a Deus e a Israel. A notória prosperidade dos mais de quarenta anos da era de Herodes contribuiu para que alguns revolucionários demorassem mais tempo a assumir aquela força tão característica do povo judeu. No entanto, tornou-se inevitável o aparecimento de inúmeras manifestações populares, exigindo a expulsão dos romanos e o fim da exploração e dos altos tributos. É que como refere Richard Horsley “o lado negro da Pax Romana significou desordem e devastação para os povos conquistados”⁴⁶.

Com a morte de Herodes, “desencadeou-se em toda Galileia uma insurreição popular que tinha como instigador um certo Judas de Gamala, chefe do partido dos zelotes, defensores

⁴⁶ Richard HORSLEY, *Jesus e o império. O Reino de Deus e a nova desordem mundial*, Paulinas, São Paulo, 2004, 111.

fanáticos da independência”⁴⁷.

Quando Herodes morreu, o reino foi dividido pelos seus filhos numa tetrarquia. O seu filho Herodes Antipas herdou o reinado da Galileia, embora este tenha sido de curta duração. A herança era mais que um trono, antes um reino organizado, apoiado em fundamentos jurídicos e culturais e gozando de razoável aceitação dos súbditos que estavam imbuídos na ideologia da riqueza e da prosperidade.

Num período de apenas vinte anos, contemporâneo aos primeiros anos da vida de Jesus Cristo, Herodes Antipas construiu duas cidades no território da Galileia: Séforis e Tiberíades. Essas cidades exerceram uma “influência fundamental sobre a Galileia do ministério e do movimento de Jesus”⁴⁸.

1.2. *Situação religiosa*

Do ponto de vista religioso, a época de Jesus estava muito dividida: de um lado, instituições nada prestigiadas como o sacerdócio e grupos odiados; do outro, os publicanos que viviam ao serviço do poder estrangeiro.

Jerusalém era o centro da vida religiosa do povo judeu, simbolizando o seu passado e as suas esperanças. Da fé monoteísta e do Código da Aliança dependia toda a estrutura social, familiar e cultural do judaísmo. O centro dessa religião era o Templo, único e absoluto. Este espaço, cuidadosamente administrado, era “o lugar por excelência para as orações, a purificação e os sacrifícios”⁴⁹. Ou seja, o Templo era o local onde se poderia passar de impuro e profano, para puro e santo (Lv 10, 10).

O Templo de Herodes tornou-se, por assim dizer, numa das grandes maravilhas do mundo porque era um “ponto turístico para os romanos abastados e destino de peregrinação para

⁴⁷ Aleksandr MIEN, *Jesus Mestre de Nazaré. A história que desafiou 2000 anos*, Editora Cidade Nova, São Paulo, 1998, 55.

⁴⁸ Richard HORSLEY, *Jesus e o império. O reino de Deus e a nova desordem mundial*, Paulinas, São Paulo, 2004, 49.

⁴⁹ Georg FOHRER, *História da religião de Israel*, Paulinas, São Paulo, 1982², 472.

os judeus prósperos das comunidades da diáspora”⁵⁰. Para tal muito contribuiu a política dos romanos, bastante escrupulosa em manter a autonomia judaica em assuntos religiosos e em permitir aos judeus o pagamento da taxa anual para a manutenção do Templo. O Templo tinha, também, uma função política bem determinada; isto é, era um “Estado-Templo”⁵¹.

A elite judaica não estava muito preocupada com as questões religiosas internas, embora soubesse o quanto isso significava para assegurar a identidade nacional, razão pela qual foi negligenciando as ações religiosas de Herodes e a sua interferência direta no Templo.

No tempo de Jesus havia várias correntes político-religiosas que atuavam, umas vezes em sintonia, outras vezes divergindo: saduceus, fariseus e essênios. Estes grupos judaicos estavam direta ou indiretamente ligados ao Templo e o seu maior interesse era “dirigir e controlar a sociedade judaica”⁵².

Os saduceus formavam o partido da aristocracia. Estavam concentrados em Jerusalém e tinham influência direta no Templo. Eram um grupo que se caracterizava pelo apego às tradições e que dava especial importância às leis que se encontram na Bíblia, sobretudo no que diz respeito ao culto. Pertenciam à classe aristocrática, constituída por levitas⁵³ e sacerdotes⁵⁴. Neste grupo estavam, ainda, incluídos os ricos proprietários de terras e os comerciantes. Era um grupo que detinha muito poder e influência. Os saduceus foram inimigos de Jesus e do Cristianismo. Não acreditavam na ressurreição e a uma determinada altura chegaram mesmo a perguntar a Jesus com quem ficaria, na ressurreição, uma mulher que em vida foi casada com sete irmãos (Mc 12, 18-27). Tal questão visava apenas a ridicularização de Jesus Cristo.

Os fariseus eram o maior grupo político-religioso da época de Jesus. Constituíam a classe média judia, formada em grande parte por artesãos e escribas. Tratava-se de um grupo cujos membros observavam, rigorosamente, a Lei dada a Moisés e as tradições. Eram gente piedosa,

⁵⁰ Richard HORSLEY, *Jesus e o império. O reino de Deus e a nova desordem mundial*, Paulinas, São Paulo, 2004, 38.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² Anthony SALDARINI, *Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese*, Paulinas, São Paulo, 2005, 18

⁵³ Os Levitas eram ajudantes dos Sacerdotes no culto do Templo de Jerusalém.

⁵⁴ A maior parte dos sacerdotes eram de Jerusalém, porque trabalhavam no Templo. Por causa desta grande ligação ao Templo, muitos sacerdotes acabaram por perder o contacto com o povo da região.

nacionalista e que pactuava com o poder romano, desde que este não violasse a lei. Para corroborar esta afirmação, vejamos as palavras de Giovanni Magnani:

“Os fariseus, principalmente os seus chefes, tinham muita influência sobre o povo, apresentando-se como piedosos e tementes a Deus, defensores dos antigos costumes e das leis religiosas”⁵⁵.

Como guardiões da Lei, os fariseus estavam sempre atentos a qualquer movimento religioso, razão pela qual vigiavam de perto as ações de Jesus (Jo 4, 1ss), colocando à prova os seus conhecimentos (Mt 22, 34). Formavam as suas próprias comunidades, quer em aldeias distintas, quer em zonas restritas da cidade, onde era habitual reunirem-se em pequenos grupos para rezar, estudar a lei e para a habitual ceia às sextas-feiras. É importante acrescentar que Nicodemos, amigo de Jesus, era fariseu.

Por último, é importante referir que os essênios estavam espalhados por toda a região da Judeia e eram os mais dedicados ao estudo. Não prendiam a materialidade física do lugar sagrado nem comungavam com os interesses que lá circulavam. Eram tão obsessivos pela pureza ritual que acabaram por se “retirar para o deserto formando comunidades, das quais a mais famosa foi Qumrã”⁵⁶.

Da leitura dos Evangelhos, é possível extrair algumas informações relativas ao relacionamento de Jesus Cristo com os partidários dessas correntes ideológicas e políticas. Estamos perante uma relação pautada pelo diálogo (Mc 5, 22-43), pela cooperação (Lc 7, 36; 13, 31; Mt 13, 52), mas também pela divergência (Mc 12, 18-27). A estes grupos não agradava ver que muitas pessoas seguiam Jesus Cristo, admirando-o e aclamando-o. Jesus falava de um Reino e eles não compreendiam que esse reino era, afinal, a presença de Deus no coração de cada pessoa. Jesus não queria o poder deles, não estava interessado em mandar nas pessoas, porque o seu poder era outro: ajudar as pessoas a serem boas, a voltar os seus corações para Deus. Jesus era também muito crítico em relação à forma como estes grupos religiosos viviam a religião.

⁵⁵ Giovanni MAGNANI, *Jesus construtor e mestre. Novas perspectivas sobre o seu ambiente de vida*, Santuário, São Paulo, 1998, 73.

⁵⁶ Anthony SALDARINI, *Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese*, Paulinas, São Paulo, 2005, 20.

Para eles, a pessoa religiosa era a que cumpria todos os ritos e obedecia a tudo o que estava prescrito nas leis. Reduziam a religião a um culto exterior. Para Jesus, o culto a Deus deve ser verdadeiro e de ordem espiritual, ou seja, tem de brotar do interior do ser humano e revelar uma relação de amor com Deus. O certo é que aquando da redação das Escrituras, esses grupos já tinham desaparecido, exceção feita aos Fariseus.

2. Jesus Cristo: O Homem para os outros?

Na narrativa do nascimento de Jesus do Evangelho de Mateus, Jesus Cristo⁵⁷ é aquele que cumpre a profecia do Antigo Testamento, referida no Livro de Miqueias. Este profeta anuncia o nascimento de um Messias, um Salvador enviado por Deus e esperado pelo povo. O Messias seria um “Homem para os outros”, ou seja, um guia que “conduzirá o seu povo com firmeza, graças ao seu poder e à presença de Deus. O seu povo viverá em segurança, porque a grandeza do Senhor será reconhecida até aos confins da terra” (Mq 5, 1.3).

A presença de representações e alusões à vida de Jesus, em todo o mundo e em todas as épocas, desde o Seu nascimento, revela a importância da sua vida na história da humanidade. Ao longo destes mais de 2000 anos que Jesus é fonte de inspiração para escritores, pintores e escultores, que nos deixaram uma importante e vasta obra.

2.1. A atitude e personalidade de Jesus Cristo.

O conto *O Suave Milagre*, de Eça de Queiroz, fala-nos da personalidade e vida de Jesus. No segundo parágrafo do referido texto, o autor faz uma pequena abordagem à temática da personalidade de Jesus, recorrendo para tal ao seguinte excerto:

“Uma tarde um homem de olhos ardentes e deslumbrados passou no fresco vale, e anunciou que um novo profeta, um rabi formoso, percorria os campos e as aldeias

⁵⁷ Jesus é o seu nome, que quer dizer, em hebraico, “O Senhor salva”. Cristo vem de uma palavra grega, correspondente a Messias em hebraico, que significa ungido (escolhido) e exprime a sua missão. Ele é o Cristo, o ungido, isto é, consagrado com óleo, porque destinado a uma missão especial: é Ele que vem para salvar em nome de Deus.

da Galileia, predizando a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos (...)⁵⁸.

Este pequeno fragmento do conto *O Suave Milagre* serve para mostrar que Deus é tão bom que não se esquece de nos dar tudo aquilo de que precisamos. Afinal, tudo o que temos e tudo o que existe é dom de Deus.

Jesus diz-nos que se depositarmos em Deus a nossa confiança, conseguiremos viver de forma mais pacífica os problemas de cada dia. Dificilmente desanimaremos, apesar das dificuldades. Ser cristão é ter a certeza que Deus está presente, embora nem sempre nos apercebamos da sua presença. A este propósito, e sem querer ser demasiado descritivo, não posso deixar de parafrasear o escritor português Eça de Queiroz:

“Ora entre Enganim e Cesareia, num casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro, vivia a esse tempo uma viúva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel. O seu filhinho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ela o criara para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazera, sete anos passados, mirrando e gemendo (...).

Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, esse rabi que aparecera na Galileia, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as criancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres

um grande e luminoso reino, de abundância maior que a corte de Salomão. A mulher escutava, com olhos famintos. E esse doce rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava? O mendigo suspirou. Ah esse doce rabi! (...)

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto, a mãe mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar de uma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse rabi que amava as criancinhas, ainda as mais pobres, sarava os males, ainda os mais antigos.

A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

— Oh filho! E como queres que te deixe, e me meta aos caminhos à procura do rabi da Galileia? (...)

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

— Oh mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

E a mãe, em soluços:

— Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galileia, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão rôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casais. Ninguém atenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce rabi. Oh filho! Talvez Jesus morresse...

Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O Céu o trouxe, o Céu o levou. E com ele para sempre morreu a esperança dos tristes.

⁵⁸ Eça DE QUEIROZ, *Contos de Eça de Queiroz*, Livros do Brasil, Lisboa, 1984, 275.

De entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

— Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

— Aqui estou”⁵⁹.

Este texto retrata-nos um claro exemplo de confiança em Deus. Também nós se confiarmos em Deus, seremos mais felizes, porque estaremos mais disponíveis para amar e saborear a vida. Não nos sentiremos esmagados pelas preocupações diárias nem pelo desejo de acumular bens materiais. Por vezes, é muito difícil vivermos cada dia sem estarmos obcecados com o dia de amanhã. E assim deixamos de viver o momento presente. Preocupamo-nos com o que vamos comer e vestir e olhamos o futuro com alguma apreensão. Mas se, pelo contrário, dermos mais importância àquilo que é mais valioso na vida (o amor, a solidariedade, a justiça) poderemos concentrarmo-nos no presente, construindo na nossa vida e na vida daqueles que convivem conosco um mundo mais belo e feliz. Diante disto, tudo o resto perde importância.

A verdade é que Jesus acolhia todos, mesmo aqueles que tinham feito escolhas erradas. Isso não quer dizer que ele concordasse com os comportamentos incorretos. Pelo contrário, aconselhava o arrependimento aos que tinham errado e a conversão dos seus corações, para serem bons, honestos e justos. O arrependimento consiste em reconhecer que se agiu mal e não querer voltar a fazer o mesmo.

Se havia pessoas importantes do povo judeu, no tempo de Jesus, que achavam que Deus estava sempre pronto a castigar severamente os pecadores, os que tinham praticado o mal. O conto *O suave milagre* diz que Jesus mostrava a todos que Deus, na sua bondade infinita, acolhe os bons, os maus, os marginalizados, os doentes, etc. É um texto que nos fala de um Deus que não quer a doença, o sofrimento e a morte. Por isso, as pessoas sujeitas a esta experiência não são abandonadas por Deus. O coração de Deus é tão grande que cabe lá todos, mesmo os desprezados, os pecadores ou os doentes. Nos Evangelhos, vemos Jesus a conversar com

⁵⁹ *Ibidem*, 275-276.

leprosos e a curá-los. Todos são objeto da sua atenção, porque todos são objeto da atenção de Deus, o Pai misericordioso.

Não obstante os escritos do Novo Testamento relativos a Jesus Cristo conterem várias influências, nomeadamente da comunidade cristã primitiva, a realidade é que os Evangelhos oferecem-nos, além das palavras do Senhor, uma imagem bastante próxima da figura de Jesus Cristo.

A Sua pregação era de um rigor e exigência ética jamais vista e de um total desprendimento em relação àquilo que era considerado como bom. Por outro lado, Jesus Cristo relativizou as exigências das leis judaicas. Tal comportamento de Jesus é a raiz dos conflitos com as autoridades religiosas judaicas e, por conseguinte, com o poder instituído.

Jesus Cristo sempre foi um homem livre em relação à sua família, ao ambiente em que viveu, ao Templo e à própria religião judaica.⁶⁰ Jesus foi um homem do Reino e para o Reino, daí as pessoas o verem como alguém que falava com autoridade (Mc 1, 22; Mt 7, 29). A Sua autoridade emanava desta liberdade.

Da leitura dos Evangelhos é possível extrair quatro características fundamentais na atitude e comportamento de Jesus, são elas: o comportamento em relação aos publicanos e pecadores; a sua autoridade; a exigência de que o homem se decida em face d'Ele e, finalmente, a sua relação pessoal com Deus.

Jesus Cristo possui uma mensagem universal, todavia a sua predileção vai para os publicanos e pecadores. É na refeição que Jesus acompanha com eles que esta atitude mais se manifesta (Mc 2, 15-16).

Este comportamento de Jesus Cristo de se sentar à mesa com os pecadores é interpretado, por Ele, como um sinal de que a reconciliação do pecador com Deus se realizou. Porém, se a reconciliação se efetuou, tal indicia que o Reino de Deus está presente. À semelhança do

⁶⁰ Christian DUQUOC, *Jesús, hombre libré. Esbozo de una cristología*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005², 28.

preconizado por Arnaldo de Pinho, anunciar o Reino de Deus não aos justos, mas aos pecadores, era contrário à concepção judaica do julgamento de Deus que separava justos e pecadores.⁶¹

Jesus Cristo ensinava como um Homem que tem autoridade e não como os doutores da Lei (Mt 7, 28-29). O Evangelho de Lucas mostra-nos Jesus em constante oposição ao partido dos escribas e dos fariseus. Naquele momento, alguns fariseus aproximaram-se e disseram a Jesus: “Parte daqui, porque Herodes quer matar-te”(Lc 13, 31-32). A atividade de Jesus provoca o temor e a reação das autoridades. Jesus não as teme e continua a realizar a missão que liberta as pessoas e ao mesmo tempo vai levar Jesus à morte. A palavra de Jesus Cristo constitui uma autêntica provocação aos que o seguem. A corroborar esta exigência de que o homem se decida em face d’Ele está a seguinte expressão: “Se alguém vier ter comigo e não me tiver mais amor do que ao pai, à mãe, à mulher, aos filhos, aos irmãos e às irmãs e até a si próprio, não pode ser meu discípulo” (Lc 14, 26).

Esta pretensão de Jesus em ser a medida das escolhas decisivas do homem, exprime-se de maneira ainda mais clara em certas expressões que dizem respeito ao Filho do Homem.

Quando Jesus Cristo diz: “Quem não reconhecer, Jesus também não reconhecerá”⁶² pretende, no entender de Arnaldo de Pinho, que a sua mensagem coloque o homem na necessidade de tomar uma decisão, a favor ou contra Ele; isto é, coloca-se no lugar de Deus.

Esta exigência é um indício de que Jesus Cristo tinha consciência de ser portador de uma missão única e decisiva, de que se sabia investido pelo mesmo Deus.

Decerto Jesus Cristo falou de Deus, utilizando o título de Pai. É que em Israel o título de Pai dirigido a Deus tem, no entender do autor supracitado, uma significação coletiva: o filho de Deus é o povo de Israel.⁶³ Para o mesmo autor, a própria pregação dos profetas apoia-se fortemente sobre este tema da paternidade de Deus para lembrar a exigência da obediência à lei, reprovando, simultaneamente, a infidelidade de Israel.

⁶¹ Cf. Arnaldo DE PINHO, *Jesus Cristo: Quem é?*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2004².

⁶² *Ibidem*.

⁶³ Cf. *Ibidem*.

Na oração, quando Jesus Cristo se dirige a Deus pela invocação: “Tu és nosso Pai”⁶⁴, o desígnio é o de um apelo à misericórdia, um pedido de perdão (Is 63, 15-16). Jesus falou também do Pai na sua pregação aos discípulos, utilizando expressões como: “vosso Pai” e/ou “meu Pai”⁶⁵. O contexto em que as expressões são utilizadas é sempre de Revelação, uma vez que Jesus fundamenta na sua intimidade com Deus, a condição de Revelador. Jesus tinha consciência de se colocar relativamente a Deus numa relação absolutamente única, analogia que exprimia em termos de filiação e que fundamentava para Ele, a missão única e decisiva que a si atribuía em Israel.⁶⁶

2.2. *A pregação de Jesus Cristo*

Jesus percorreu o seu país, ajudando todos os que precisavam e ensinando uma mensagem cheia de grande novidade. As suas palavras surpreendiam muitas pessoas. O que Jesus dizia acerca de Deus não era o que as pessoas estavam habituadas a ouvir.

2.2.1. O anúncio do Reino de Deus

No centro da pregação de Jesus Cristo está incontestavelmente o anúncio do Reino de Deus, um Reino que segundo Ele já está entre nós. Jesus veio inaugurar um reino de amor e justiça, um reino interior, que está dentro do coração de cada um. A este Reino todos podem pertencer, porque todos podem acolher na sua vida a presença de Deus. O Reino de Deus é a presença do poder de Deus (um poder de amor e de justiça) no íntimo de cada pessoa. Cabe a cada um acolhê-lo ou recusá-lo.

Em relação ao anúncio do Reino de Deus talvez todos nós estejamos de acordo. O problema reside na dificuldade em dar uma visão sintética do pensamento de Jesus a este respeito devido à compreensão histórica relativa a esse mesmo Reino.

⁶⁴ *Ibidem.*

⁶⁵ *Ibidem.*

⁶⁶ Cf. *Ibidem.*

Os evangelistas deixam claro que a mensagem de Jesus sempre entrou em confronto com o modelo de sociedade sustentado pelos herodianos (Mc) e pelos fariseus (Mt). Quando estes perceberam que o movimento de Jesus estava a chegar aos ouvidos das pessoas e que estas ficavam espantadas com o seu jeito de ensinar, “pois ele ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da Lei” (Mc 1, 22), trataram de se unir para impedir que o povo acreditasse nele e o seguissem à procura do Reino que Ele anunciava.

As palavras de Jesus “Venham comigo” (Mc 1, 17) conquistaram de imediato alguns discípulos que deixaram a sua própria vida para seguir Jesus Cristo. O desejo de ver acontecer as maravilhas do Reino de Deus estava vivo no coração dos judeus.

A ligação de Jesus às pessoas afastava-se dos padrões dos profetas anteriores. Ele não tinha medo de se aproximar e conversar com todos, fossem eles endemoninhados, leprosos ou mulheres. A “sua opção pelos pobres mereceu-lhe, portanto, uma opção dos pobres por ele”⁶⁷. É neste contexto que Alfonso Garcia Rubio diz que “o anúncio e os sinais do Reino estão a serviço da libertação de cada ser humano, especialmente dos marginalizados de todo tipo”⁶⁸.

No Reino não se faz distinção entre pessoas. O Pai de Jesus é o Pai de todos. E foi assim que nos foi apresentado: “Pai nosso” (Lc 11, 1-9). É por assim dizer “um Pai que sabe muito bem o que precisam. Procurem primeiro o Reino de Deus que tudo isso lhes será dado” (Lc 12, 30-31). Se as pessoas iam ao encontro de Jesus na procura de uma solução, também iam ao Seu encontro para o ouvir, pois ele pregava uma mensagem que entrava no âmago das pessoas. Jesus percebeu claramente que os destinatários do Reino eram aqueles que o escutavam e que aos poucos o Reino iria penetrar em todas as camadas sociais, consciencializando-as da presença de Deus na vida de todos.

⁶⁷ Jorge PIXLEY, Clodovis BOFF, *Opção pelos pobres*, Petrópolis, Vozes, 1987², 83.

⁶⁸ Alfonso GARCIA RUBIO, *O encontro com Jesus Cristo vivo. Um ensaio de cristologia para os nossos dias*, Paulinas, São Paulo, 2001, 25.

Jesus anunciava que Deus ama e se interessa por todas as pessoas. Para Deus não existem pessoas mais importantes do que outras. Todos, pequenos, pobres, os que ninguém respeita, os de quem ninguém gosta, têm o mesmo valor e são amados por Deus.

No tempo de Jesus, não era esta a ideia que se tinha de Deus. A maioria das pessoas pensava que Deus amava os bons e desprezava ou, pelo menos, era indiferente em relação aos maus. Pelo contrário, para Jesus, a bondade e o amor de Deus são tão grandes que ele não abandona nem esquece ninguém. Para mostrar isto, através do seu comportamento, Jesus convivia com todas as pessoas, ia a casa de todos os que precisassem dele, mesmo que fossem consideradas pessoas de atitudes duvidosas ou mesmo de má reputação, nomeadamente, fraudulentos, ladrões e prostitutas.

Jesus chamava à conversão, aqueles que tinham cometido qualquer espécie de maldade; aproximava-se dos mais pobres, dos que estavam doentes ou tinham qualquer enfermidade. Muitas dessas pessoas eram marginalizadas, porque se pensava que a situação em que se encontravam era um castigo divino por algum mal que tinham cometido. De facto, para alguns judeus, se uma pessoa sofria ou lhe tinha acontecido alguma desgraça, por exemplo uma doença, era porque Deus a tinha abandonado. Era, portanto, um rejeitado por Deus e, sendo rejeitado por Deus, devia também ser rejeitado pelas pessoas de bem.

O que Jesus Cristo veio mostrar é que o mal que acontece às pessoas não é um castigo; Deus não quer a doença, o sofrimento e a morte. Por isso, as pessoas sujeitas a esta experiência não são abandonadas por Deus e não devem ser abandonadas pelas outras pessoas.

O evangelista Lucas descreve um episódio de Jesus, numa sinagoga, a curar um homem cuja mão estava atrofiada. Nesta ocasião, os “doutores da Lei e os fariseus observavam Jesus para verem se ele o curava, sendo sábado, pois queriam achar uma razão para o acusarem” (Lc 6, 7). Mas como Jesus sabia muito bem o que eles pensavam, disse ao homem: Levanta-te e vem aqui para o meio. Ele levantou-se e ficou de pé. Depois perguntou aos que ali estavam: Digam-me lá a lei permite fazer bem ao sábado ou fazer mal? Salvar a vida a uma pessoa ou deixá-la

morrer? E olhando para todos à sua volta, disse ao homem: Estende a mão. Ele estendeu a mão e ficou sã (Lc 6, 6-11). Segundo Lucas, este episódio gerou um grande descontentamento entre Jesus, os doutores da Lei e os fariseus, pois estes de imediato “ficaram fora de si e combinavam uns com os outros o que haviam de fazer contra Jesus” (Lc 6, 11).

A intenção de Jesus Cristo sempre foi manifestar, através de curas e milagres, a novidade do Reino, oferecendo “cura e vida de Deus”⁶⁹ aos que dele se aproximassem. No entanto, era nítida a divergência entre a pregação de Jesus anunciando a chegada do Reino de Deus e os responsáveis pela religiosidade judaica e os próprios mandatários romanos.

O Reino pregado por Jesus era o centro e o resumo da sua mensagem e de todas as suas atividades.⁷⁰ Também a presença do Reino de Deus na pessoa de Jesus Cristo e na sua pregação é um fato incontestável. Ele próprio diz que o “Reino de Deus não vem como uma coisa que possa observar. Não se poderá dizer: Está aqui, ou está acolá. Na verdade, o Reino de Deus está no meio de vocês” (Lc 17,21).

O Reino “é mais do que os olhos descobrem. Trata-se do Reino de Deus, é o próprio Deus eterno aqui presente”⁷¹. Falar do Reino é falar do próprio Deus. Assim, para as Escrituras a vinda do Reino significa simplesmente a vinda de Deus, a manifestação da sua glória, o seu próprio ser.⁷²

O Reino de Deus foi concebido e anunciado por Jesus como uma realidade futura, embora a sua proximidade estivesse iminente. Tal como preconizado por Xabier Pikaza, Jesus insere-se “no espaço de dor e sofrimento deste mundo, onde os homens estavam mais cansados para oferecer-lhes os sinais da alegria e vida compartilhada do Reino que está próximo”⁷³. Por outro lado, Jesus recusou toda a especulação sobre o momento da vinda desse Reino, senão

⁶⁹ Xabier PIKAZA, *A figura de Jesus. Profeta, taumaturgo, rabino, messias*, Petrópolis, Vozes, 1995, 90.

⁷⁰ Cf. Alfonso GARCIA RUBIO, *O encontro com Jesus Cristo vivo. Um ensaio de cristologia para os nossos dias*, Paulinas, São Paulo, 2001, 37.

⁷¹ Charles HAROLD DODD, *O Fundador do cristianismo*, Paulinas, São Paulo, 1976, 131.

⁷² Cf. Mário de FRANÇA MIRANDA, *A salvação de Jesus Cristo. A doutrina da graça*, Loyola, São Paulo, 2004², 35.

⁷³ Xabier PIKAZA, *A figura de Jesus. Profeta, taumaturgo, rabino, messias*, Petrópolis, Vozes, 1995, 89.

vejamos: “O dia e a hora dos acontecimentos é que ninguém sabe. Nem os anjos do céu, nem o Filho. Só o Pai é que sabe” (Mc 13, 32-33).

Desde o Antigo Testamento que o Reino de Deus é uma forma de exprimir o desígnio salvador de Deus.⁷⁴ Para se crer no Deus do Reino é preciso ser-se ateu do Deus do império.⁷⁵ Neste sentido, o anúncio do Reino de Deus feito por Jesus Cristo implica a superação e a substituição da estrutura romana e das relações desumanas que ela estabelece, pois os chefes dos judeus não foram capazes de perceber os sinais da urgente necessidade de transformação das relações com a Lei e com a própria religião judaica.⁷⁶

A chegada do Reino é obra de Deus, ao passo que o Império Romano é uma obra humana; por isso, esse Império será exterminado e no seu lugar nascerá o Reino que se deve espalhar pelo mundo inteiro.⁷⁷ Esta será uma “forma abstrata de se apresentar Deus a reinar com o seu poder”⁷⁸. Jesus crê que é possível “superar a miséria da história”⁷⁹ proclamando a superação do anti-reino determinado pelo poder dos fariseus, escribas e dirigentes.

Jesus Cristo anuncia a presença do Reino de Deus e, simultaneamente, fala do seu crescimento. Este tema está presente em inúmeras parábolas, a forma preferida por Jesus para doutrinar. De facto, o que é importante nas Parábolas é a afirmação de que o Reino de Deus se realiza na história e tem portanto uma história: um início, correspondente à sementeira, e um final, o equivalente à colheita. Embora estejamos perante processos diferentes, o certo é que o tempo que medeia entre um e o outro é o tempo do crescimento, da maturação lenta e da realidade escondida.

Jesus encarnou-se enquanto ser humano e, a seu tempo, depois de muitas experiências no contacto com o povo de Deus, com as Escrituras e, de acordo com a sua experiência de fé em

⁷⁴ Cf. *Ibidem*, 122.

⁷⁵ Cf. *Ibidem*, 133.

⁷⁶ Cf. Christian DUQUOC, *Jesús, hombre libré. Esbozo de una cristología*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005², 73.

⁷⁷ Cf. Heinz SCHÜRMAN, *El destino de Jesús: su vida y su norte. Esbozos cristológicos recopilados y presentados por Klaus Scholtissek*, Sígueme, Salamanca, 2003, 119.

⁷⁸ Jonh MEIER, *Um judeu marginal. Repensando o Jesus histórico*, II, 2, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1997, 88.

⁷⁹ Jon SOBRINO, *Cristologia a partir da América Latina. Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*, Petrópolis, Vozes, 1983, 133.

Deus-Pai, optou por encarnar-se Messias. A principal missão de Jesus foi ser Messias, embora esse messianismo fosse vivido em prol do anúncio do Reino. “Fazendo-se homem, Cristo diviniza todo homem”⁸⁰ ao oferecer o Reino de Deus. Portanto, o Filho de Deus tornou-se homem para salvar o ser humano; isto é, para ajudá-lo na tarefa da sua realização e na potencialização da sua esperança.

Deste modo, Jesus de Nazaré nasceu, cresceu, viveu e morreu. Realizou cada uma das dimensões da existência humana. O ser humano não pode mais se sentir vencido pelo mal, pois está perante a possibilidade de percorrer o caminho de uma realização progressiva e plena até à maturidade, ou seja, até à plenitude de Cristo (Ef 4, 13). Encarnado, Jesus venceu todas as tentações humanas (Mt 4, 1-11; Hb 4, 15).

2.2.2. O conteúdo do Reino de Deus

A mensagem de Jesus Cristo sobre a chegada do Reino de Deus deve ser entendida numa conjuntura de ambição pela paz, pela justiça e pela vida. A Bíblia faz referência a esta tensão entre a promessa e a aspiração do homem à paz, a partir do facto de o homem ser alienado na sua liberdade de tal modo que acaba por não alcançar, por si mesmo, a paz, a justiça, a liberdade e a vida. O Reino de Deus constitui uma espécie de resposta a esta inquietação. Ora vejamos: “O Reino de Deus implica um mundo novo em que o mal e o sofrimento são vencidos; um mundo novo onde prevalecem a justiça, a fraternidade e a paz”⁸¹.

Se no ponto anterior verificamos que o anúncio do Reino de Deus está no centro da pregação de Jesus Cristo, então pode-se levantar a seguinte questão: Que relação com Deus está no centro da sua mensagem?

É pela sua pregação e pelos seus gestos que Jesus confronta imediatamente o homem com Deus. A relação de Jesus com o Pai e a própria pessoa de Jesus é constitutiva da sua mensagem.

⁸⁰ Francisco MARTÍN RODRÍGUEZ, *Jesus, relato histórico de Deus. Cristologia para viver e rezar*, Paulinas, São Paulo, 1997, 254.

⁸¹ Alfonso GARCIA RUBIO, *O encontro com Jesus Cristo vivo. Um ensaio de cristologia para os nossos dias*, Paulinas, São Paulo, 2001, 37.

É exatamente esta pretensão de Jesus em ser o Filho de Deus que faz da relação cristológica uma componente fundamental da pregação de Jesus.⁸² Jesus Cristo anuncia a proximidade do Reino, em que o Deus que vem é um Deus de Graça. Como já referenciado no ponto anterior, a mensagem de Jesus Cristo é uma mensagem de alegria.

A revelação de Deus como o seu Pai constitui a mensagem nova e única de Jesus. O “nome do Pai caracteriza a sua pregação do Reino que há-de vir”⁸³. O Reino não é mais do que a salvação que Deus oferece, enquanto Pai e Libertador.

A novidade da pregação de Jesus sobre o Reino reside no facto de “o Reino de Deus se aproximar em graça e não em justiça”⁸⁴. É um Reino que vem por puro amor de Deus e de nada adianta forçar. O segredo é simplesmente orar: “venha o teu Reino” (Mt 6, 10).

No tempo de Jesus, acreditava-se que a vontade de Deus estava expressa nas leis escritas que Moisés tinha recebido de Deus. Jesus veio dizer que a vontade de Deus não se pode reduzir a um código de leis, porque o essencial é o amor a Deus e ao próximo. O amor vale mais do que qualquer norma. Para Jesus, o próximo não é só aquele de quem gosto e com quem me relaciono, o próximo é todo o ser humano que precisa de mim, seja ele quem for.

Jesus ensina-nos que, quando não somos amigos dos outros, quando prejudicamos ou desprezamos o nosso próximo, ou simplesmente quando não fazemos o bem que poderíamos fazer, estamos a agir contra a vontade de Deus.

A vontade de Deus é que cada ser humano se relacione com ele e que saiba viver numa relação de respeito e amizade com os outros. Mas isso significa colocar em primeiro lugar aquilo que tem mais importância: valorizar mais as riquezas espirituais do que os bens materiais.

Na sociedade actual, mais preocupada com o lucro, o dinheiro e a acumulação de bens materiais, é um pouco difícil perceber esta mensagem de Jesus. É certo que os bens materiais são importantes para o bem-estar das pessoas, no entanto, não trazem a felicidade, porque esta é

⁸² Cf. Arnaldo DE PINHO, *Jesus Cristo: Quem é?*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2004².

⁸³ Jürgen MOLTSMANN, *Trindade e Reino de Deus. Uma contribuição para a teologia*. Petrópolis, Vozes, 2000, 83.

⁸⁴ Jon SOBRINO, *Cristologia a partir da América Latina. Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*, Petrópolis, Vozes, 1983, 218.

conquistada com os valores morais/espirituais (solidariedade, bondade, compaixão, justiça, amor, etc).

Na passagem bíblica do Evangelho de São Lucas Jesus diz: “Vendam o que têm e dêem o dinheiro aos pobres. Arranjem bolsas que nunca se estraguem e depositem no céu uma riqueza que não se esgota” (Lc 12, 33). Neste excerto, Jesus transmite a prioridade dos bens espirituais e morais sobre os bens materiais, pois o que tem mais valor não são as riquezas que se podem juntar na terra, mas sim aquilo que nós somos. Esta mensagem vai ao encontro das palavras de Jesus acerca do mandamento mais importante. Na verdade, o que Deus quer para nós é que sejamos amigos uns dos outros, porque é isso que nos pode dar uma vida melhor e fazer-nos mais felizes.

Jesus quis que soubéssemos que Deus não nos abandona, qualquer que seja a situação em que estejamos. Quando praticamos o mal, ele chama-nos à razão; quando nos arrependemos, acolhe-nos, perdoa-nos e ajuda-nos a reiniciar a vida.

2.3. A Boa Nova e a condenação de Jesus Cristo

Muitos judeus, ao verem o que Jesus realizava, começaram a acreditar nele. Outros, no entanto, não aceitavam a sua mensagem sobre o Reino de Deus, pelo que tentaram combatê-lo. A estes grupos não lhes agradava ver que muitas pessoas seguiam Jesus, admirando-o e aclamando-o. Jesus falava de um Reino e eles não compreendiam que esse Reino era, afinal, a presença de Deus no coração de cada pessoa. Jesus não queria o poder deles, não estava interessado em mandar nas pessoas, desejava apenas ajudar as pessoas a serem boas, a voltar os seus corações para Deus.

Jesus era também muito crítico em relação à forma como estes grupos religiosos viviam a religião. Para eles, a pessoa religiosa era a que cumpria todos os ritos e obedecia a tudo o que estava prescrito nas leis. Reduziam a religião a um culto exterior. Para Jesus, o culto a Deus deve

ser verdadeiro e de ordem espiritual, ou seja, tem de brotar do interior do ser humano e revelar uma relação de amor com Deus.

Não se trata apenas de dizer palavras que não são sentidas ou cumprir rituais sem convicção. Trata-se sim de falar com Deus como com um amigo, prestar-lhe homenagem, dar-lhe glória porque é ele quem nos dá a vida. E esta forma de culto, para Jesus, não pode estar desligada da relação com os outros. Se presto culto a Deus, estou obrigado a tratar os outros com bondade.

O anúncio da Boa Nova suscita uma tempestade de indignação, sobretudo no seio dos fariseus que se opõem com uma certa violência à mensagem de Jesus. Esta reação nada tem de surpreendente se considerarmos que a Boa Nova era uma descarada injúria às pessoas piedosas da época. Colocar de parte os pecadores era para os fariseus um valor religioso importante.

A Boa Nova consiste no convite feito por Jesus Cristo aos pecadores para o festim de Deus. O anúncio da Boa Nova é feito nos seguintes termos: “Felizes de vocês, os pobres, porque lhes pertence o Reino de Deus” (Lc 6, 20). A intervenção divina é prometida aos pobres. Estes não recebem qualquer anúncio de consolação futura, antes uma salvação que se manifesta, realiza e manifesta neles desde agora.⁸⁵

De facto, Jesus tinha uma simpatia especial pelos que viviam no campo, de onde ele havia saído. O acolhimento que Ele teve quando chegou a Jerusalém para a festa da Páscoa é revelador de como o seu carisma tinha conquistado a população campesina: “Então muitas pessoas estenderam as suas capas pelo caminho e outras puseram ramos que tinham cortado no campo” (Mc 11, 8).

Digno de registo é também o facto de Jesus anunciar o perdão dos pecados também por gestos. Um exemplo de um gesto espetacular deste perdão é o de ir comer com os pecadores. As refeições realizadas por Jesus na companhia dos publicanos são a expressão da Sua missão e da Sua mensagem (Mc 2, 17).

⁸⁵ Arnaldo De PINHO, *Jesus Cristo: Quem é?*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2004².

Esta forma de encarar a religião não era bem aceite pelos chefes religiosos. Para eles, Jesus criticava os rituais sagrados e não percebiam que Jesus nada tinha contra os rituais, Ele apenas não aceitava o facto de se viver uma vida religiosa desligada do amor a Deus e aos outros. Jesus tinha consciência de que os chefes político-religiosos não gostavam dele e que queriam a sua morte.

Certo dia, depois de ter jantado com os seus discípulos – a Última Ceia – saíram todos de casa, já de noite. Num campo de oliveiras, Jesus ficou a rezar, enquanto os discípulos, cansados, adormeciam. Na escuridão da noite, apareceu um grupo de homens armados para prender Jesus. Na companhia deste grupo vinha um dos Seus discípulos – Judas – que aceitou dinheiro para indicar aos chefes religiosos o local onde se encontrava Jesus.

Quando prenderam Jesus, todos os discípulos fugiram com medo. Jesus foi levado à presença do Sumo-sacerdote para dar início ao Julgamento. Ora vejamos a descrição que o Evangelista Marcos faz acerca deste acontecimento:

“Jesus continuava calado e nada respondia. Então o chefe dos sacerdotes tornou a perguntar-lhe: “És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?” E ele disse: “Sim, sou eu. Não-de ver o Filho do Homem à direita de Deus todo-poderoso chegar sobre as nuvens do céu.”

Ao ouvir isto o chefe dos sacerdotes rasgou a roupa, em sinal de protesto, e disse: “Não precisamos de mais provas.

Ouviram como ele ofendeu Deus! Que lhes parece?” Depois disto, todo o tribunal decidiu que Jesus devia ser condenado à morte” (Mc 14, 61-64)

Para este tribunal, aquilo que Jesus tinha dito era afirmar que Deus lhe tinha dado autoridade para falar da maneira como falava e agir da maneira como agia. O que o tribunal contestava é que Jesus tivesse alguma autoridade, o seu objetivo era enganar o povo e alcançar o poder. Tinha, portanto, cometido o pior crime que alguém podia cometer.

Porém, os chefes religiosos não podiam condenar ninguém à morte, porque a Palestina estava dominada pelos romanos, e só o prefeito romano podia tomar tal decisão. Para conseguirem que Jesus fosse condenado à morte, logo de manhã, levaram-No ao palácio do

prefeito⁸⁶ romano, e disseram a Pôncio Pilatos que Jesus tinha afirmado que era rei,⁸⁷ ameaçando assim o poder do imperador romano.

De facto, Jesus tinha pregado o Reino de Deus, um reino que não era político, era pelo contrário o poder amoroso de Deus no coração de cada indivíduo. Porém, os chefes religiosos conseguiram convencer o perfeito da Judeia de que Jesus era uma verdadeira ameaça à paz. Por isso, Pôncio Pilatos condenou Jesus à morte, através da crucifixão, tendo sido primeiro flagelado.

O Novo Testamento atesta que ninguém se preocupou com os discípulos de Jesus Cristo e com a multidão que o ouvia, uma vez que apenas Jesus foi crucificado. Os seguidores de Jesus enfrentariam, após a experiência da ressurreição, “o poder religioso e político que levou o seu líder à morte, e abriram o Reino a todas as nações. Eram pescadores, publicanos, mulheres e gente simples”⁸⁸.

Face ao exposto, talvez possamos afirmar que a mensagem de Jesus Cristo divide os espíritos e conduz fatalmente à condenação e morte de Jesus. Algumas atitudes de Jesus, percebidas desde o início do seu ministério na Galileia, foram veementemente contestadas, uma vez que para os judeus eram blasfêmias: pronunciar as palavras “Os teus pecados estão perdoados” (Lc 7, 48), visto que só Deus perdoa pecados; comer com os publicanos e pecadores; não jejuar; fazer o que não é permitido no sábado; dizer aos que estavam à margem da sociedade: “levanta-te e vem aqui para o meio”. Essa atitude de Jesus despertou várias conspirações contra Ele, “as autoridades judaicas procuravam cada vez mais dar-lhe a morte. É que ele não só transgredia a lei do sábado, mas até se fazia igual a Deus, ao afirmar que Deus era o seu Pai” (Jo 5, 18).

⁸⁶ Segundo a Sagrada Escritura, perfeito era a designação atribuída ao chefe de uma Província do Império Romano, que representava o poder do imperador em determinada região. O perfeito da Judeia era Pôncio Pilatos e tinha por hábito, por ocasião das festas da Páscoa judaica, deslocar-se com as suas tropas, de Cesareia para Jerusalém, para desencorajar qualquer manifestação que causasse perturbação da ordem pública, uma vez que grande número de pessoas acorria à cidade. Durante as festas, os soldados romanos circulavam da torre Antónia até aos pórticos do Templo. O prefeito instalava-se no palácio de Herodes, que era a sua residência oficial, na cidade alta. Foi, provavelmente, neste palácio que se realizou o julgamento político de Jesus.

⁸⁷ Jesus foi acusado de afirmar ser o Messias-rei o que, no contexto político da Palestina, no seu tempo, era equivalente a traição. A política utilizada por todos os prefeitos da Judeia, para que fosse mantida a ordem no império romano, era destruir, logo no início, qualquer rebelião, ou levantamento contra o poder instituído.

⁸⁸ Vítor GALDINO FELLER, *O sentido da salvação. Jesus e as religiões*, Paulinas, São Paulo, 2005, 60.

Jesus não sofreu uma morte qualquer. Primeiramente foi condenado. Isto é, enfrentou um processo jurídico. Este processo só foi possível porque houve conflitos de interesse e de opinião que foram aumentando à medida que Jesus se tornava mais conhecido e que sua mensagem ganhava espaço em Jerusalém. Neste sentido, os Evangelhos são claros a respeito das causas da condenação de Jesus à morte.

Na conclusão do processo, Jesus “não sofreu a morte do blasfemador, que era o apedrejamento, mas a morte na cruz, que era o castigo do agitador político. Isto é mostrado na inscrição sobre na cruz que propõe a causa da condenação: “Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus”⁸⁹.

A cruz representava a maldição, uma vez que simbolizava a crucificação de Jesus Cristo entre os marginalizados, assemelhando-se a eles e a todos os que são considerados transgressores da Lei e do Templo. Sem a cruz seria muito difícil convencer o ser humano do amor de Deus, e mais ainda, do seu interesse em nos salvar.

As tentativas de eliminação de Jesus tiveram como pano de fundo motivacional a Sua mensagem sobre o Reino de Deus. “Foi o fechamento, a não aceitação da proposta do Reino de Deus, a causa histórica da morte de Jesus”⁹⁰. A acompanhar a Sua mensagem estavam alguns sinais e milagres que causaram transformações visíveis na sociedade, especialmente nos excluídos da organização político-religiosa. Sendo assim, podemos dizer que, em jeito de síntese, existe uma estreita relação entre a mensagem do Reino de Deus e as razões para as autoridades delinarem como deveriam eliminar Jesus.

3. A morte e a ressurreição de Jesus Cristo.

Foi a partir do sacramento do batismo, recebido por Jesus Cristo nas águas do rio Jordão quando tinha cerca de trinta anos, que “o Espírito Santo desceu sobre ele” (Lc, 3,21). Se por um

⁸⁹ Jon SOBRINO, *Cristologia a partir da América Latina. Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*, Petrópolis, Vozes, 1983, 221.

⁹⁰ *Ibidem*, 93.

lado o batismo de Jesus Cristo constitui um sinal da sua vida de servidor, por outro acabou por conduzi-lo à morte (Lc 12,50).⁹¹

Assim, o batismo "determina o início da existência de Jesus como instaurador da comunidade messiânica dos últimos tempos"⁹². Jesus Cristo anunciou um Reino vindouro como graça e misericórdia de Deus, reconhecido e anunciado como Pai.⁹³ Este messianismo é feito em função do serviço e não do seu poder.⁹⁴

Jesus Cristo entendia perfeitamente a Sua mensagem e assim mesmo foi compreendido pelos discípulos.⁹⁵ No entanto, a mensagem de Jesus, desde o início, que entra em confronto com o modelo de sociedade sustentado pelos herodianos (Mc) e fariseus (Mt). Quando as autoridades judaicas receberam notícias sobre mais um profeta que perambulava pelos arredores de Jerusalém, fazendo milagres e pregando através de parábolas, começaram logo a pensar “para ver como haviam de dar cabo de Jesus” (Mt 12, 14). Era clara a divergência entre a pregação de Jesus Cristo, em que anunciava a chegada do Reino de Deus, e os responsáveis pelo estabelecimento da religiosidade judaica e o modelo de sociedade administrada pelos mandatários romanos.

A mensagem de Jesus Cristo sempre foi de controvérsia, uma vez que era encarada como uma blasfémia. Senão vejamos alguns exemplos bastante contestados da atuação de Jesus Cristo: pronunciar expressões como “teus pecados estão perdoados” (Lc 7, 48), quando apenas Deus perdoa pecados; comer com os publicanos e pecadores; não jejuar; fazer o que não é permitido no sábado; dizer aos marginalizados “levanta-te, pega na tua enxerga e vai para casa ”(Jo 5, 8). Foi com base nesta atuação que “os judeus, com mais empenho, procuravam matá-lo, pois, ele não só transgredia a lei do sábado, mas até se fazia igual a Deus, ao afirmar que Deus era seu Pai” (Jo 5, 18).

⁹¹ Alfonso GARCIA RUBIO, *O encontro com Jesus Cristo vivo. Um ensaio de cristologia para os nossos dias*, Paulinas, São Paulo, 1987, op. cit., 30.

⁹² Christian DUQUOC, *Jesús, hombre libré. Esbozo de una cristología*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005², 55.

⁹³ Cf. Jurgen MOLTMANN, *Trindade e Reino de Deus. Uma contribuição para a teologia*. Petrópolis, Vozes, 2000, 83.

⁹⁴ Christian DUQUOC, *Jesús, hombre libré. Esbozo de una cristología*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005², 77.

⁹⁵ Jurgen MOLTMANN, *Trindade e Reino de Deus. Uma contribuição para a teologia*. Petrópolis, Vozes, 2000, 17.

Jesus Cristo, antes de ser morto, foi condenado. Tal só foi possível devido aos conflitos de interesse e de opinião que foram aumentando à medida que Jesus se tornava mais conhecido e que a sua mensagem ganhava terreno em Jerusalém. Ora vejamos as palavras prescritas por Joaquim GNILKA:

“a atividade de Jesus, segundo a exposição dos Evangelhos, está determinada pelo conflito, quase desde o princípio. O conflito vai-se agravando e termina com a execução de Jesus na cruz. O conflito tem diversos cenários: Galileia e Jerusalém. Jesus entra em conflito com diversos grupos e finalmente com o poder romano, o qual o conduz à morte”⁹⁶.

Jesus Cristo foi, por assim dizer, vítima da incapacidade do poder político romano em perceber os sinais da necessária transformação das relações entre a Lei e a religião, pelo que acabou por ser sacrificado pela justiça.

Tal como descreve Joaquim GNILKA, era comum os condenados levarem consigo a causa da condenação. Jesus Cristo foi condenado por ser o Rei dos Judeus.⁹⁷ A Sua morte na cruz facultou-nos algumas luzes sobre a ressurreição.

A cruz “revela a Deus não apenas em si mesma, mas conjuntamente com o caminho histórico que leva Jesus à cruz”⁹⁸. A crucificação de Jesus demonstra claramente a maior importância atribuída às Leis, em detrimento do ser humano. Todavia, o fracasso aparente da morte não rompe a fé em Jesus e no seu Reino, pelo contrário. O Reino superou a morte e renasceu na cruz.

Na cruz, Jesus Cristo experimenta os limites humanos: a Sua obra parecia desmoronar; ele desejou a solidariedade dos seus discípulos e clamou ao Pai. O Pai entrega historicamente o Filho à morte (cf. Jo 3, 16; 1Jo 4, 9s) e nessa ação histórica mostra a sua última essência como amor: “Deus é amor” (1Jo 4, 8.16). É, por assim dizer, “na impotência da cruz que se revela a onipotência de Deus; é no abandono e no sacrifício da cruz que nós podemos adivinhar algo do

⁹⁶ Joaquim GNILKA, *Jesus de Nazaret. Mensaje e história*, Barcelona, 1993, 327.

⁹⁷ *Ibidem*, 371.

⁹⁸ Jon SOBRINO, *Cristologia a partir da América Latina. Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*, Petrópolis, Vozes, 1983, 212.

modo propriamente divino da sua bondade”⁹⁹.

Os acontecimentos que se seguiram à crucificação corroboram que a ressurreição possibilitou a afirmação do mistério da vitória da vida sobre a morte. O sentido da morte de Jesus transcendeu o aspecto jurídico. Também foi possível concluir que Jesus Cristo era verdadeiramente o Filho de Deus, o Profeta e o Messias. Jesus não morreu por causa das suas faltas, mas por nós, pela humanidade, pelo Reino de Deus.

É a ressurreição que nos permite perceber que Jesus Cristo foi condenado inocentemente e que a sua morte não foi nenhuma punição, mas antes surge na sequência da Sua missão de anunciar o Reino de Deus.

Eduard Schillebeeckx, refletindo o sentido da morte de Jesus, conclui que:

“A cruz também constitui perigo para nossas concepções arbitrarias, é juízo sobre os caminhos de nossa experiência do que significa ser-homem e ser-Deus. Revela-se na cruz de maneira suprema e definitiva a humanidade de nosso Deus, o núcleo da mensagem de Jesus sobre o reino de Deus: Deus que só chega a valer os seus direitos no mundo humano, na integridade e felicidade dos homens; inclusive através do sofrimento”¹⁰⁰.

Para Jurgen Moltmann a crucificação e a ressurreição constituem o ponto de identificação do Cristo: na cruz e na ressurreição Jesus é e permanece o Filho de Deus.¹⁰¹ Sendo assim, o Crucificado encontra o seu fim na ressurreição. Por sua vez, Wolfhart PANNENBERG destaca que a morte expiatória de Cristo não nos preserva da morte terrena, mas acaba por nos preservar no juízo de Deus para a vida eterna.¹⁰²

Edward Schillebeeckx enfatiza, frente ao desejo do ser humano de auto-redimir, o acontecimento da morte de Jesus de Nazaré, concebendo-o como uma parábola da salvação de Deus e paradigma de humanidade. Sem a compreensão da mensagem e da prática de Jesus, a partir de sua morte e ressurreição, a cristologia pascal será apenas um mito, forçando-nos a uma separação do mundo concreto e, portanto, despida da esperança.¹⁰³

A ressurreição é, pois, o acontecimento de toda a vida de Jesus e não precisamente da Sua morte. A não necessidade do sacrifício da morte de Jesus para a salvação não significa inutilidade. A morte, como sacrifício ou não, é inerente a todo ser humano e, portanto, não

⁹⁹ Edward SCHILLEBEECKX, *Deus e o homem*. Paulinas, São Paulo, 1969, 243.

¹⁰⁰ *Idem*, *História humana. Revelação de Deus*. Paulus, São Paulo, 1994, 168.

¹⁰¹ Arno SCHILSON, Walter KASPER, *Cristologia. Abordagens contemporâneas*, Loyola, São Paulo, 1990, 97 e 102.

¹⁰² Wolfhart PANNENBERG, *Teologia sistemática II*. Editora Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2009, 584.

¹⁰³ Edward SCHILLEBEECKX, *En torno al problema de Jesús. Claves de una cristología*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1983, 127.

poderia ser diferente com Jesus, uma vez que ele se encarnou. A morte de Jesus faz parte do seu processo de encarnação. “A Páscoa de Jesus é parusíaca, epifânica; é a própria parusia, a elevação final à obra do Pai, «o Dia do Senhor», o pólo da salvação que, segundo a fé dos primeiros cristãos, um dia haverá de se impor ao mundo”¹⁰⁴.

¹⁰⁴ François-Xavier DURRWELL, *A morte do Filho. O mistério de Jesus e do homem*, Loyola, São Paulo, 2009, 70.

CAPÍTULO III – ANÁLISE PEDAGÓGICA E DIDÁTICA DA UNIDADE LETIVA - “JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS”

Este capítulo tem a missão de auxiliar a reflexão crítica sobre a nossa prática docente quotidiana, ajudando-nos a crescer como pessoas e como profissionais da educação. Nele vamos encontrar a contextualização da unidade letiva 2 do sexto ano, *Jesus, um Homem para os outros*, a que se segue uma breve descrição da escola e da turma. Nesta caminhada, é feita ainda uma apresentação sucinta da unidade letiva e, no seguimento desta, uma exposição sobre a forma como decorreu a prática letiva em cada uma das aulas. Por último, e a encerrar este percurso, é possível mergulhar numa avaliação, e consequente reflexão, da forma como decorreram as diferentes experiências de aprendizagem em cada uma das sessões ministradas.

1. Contextualização da unidade letiva no programa de EMRC

O Programa de EMRC, à semelhança das demais disciplinas, está organizado por níveis de ensino, cabendo a cada nível determinadas Unidades Letivas (UL). Cada uma das Unidades Letivas desenvolve-se em objetivos, que por sua vez operacionalizam a aprendizagem dos conteúdos específicos do tema de cada Unidade.¹⁰⁵ A coerente articulação entre objetivos e conteúdos deve estar na base da determinação de estratégias/atividades de aprendizagem, bem como permitir ao professor a adequada seleção e elaboração dos instrumentos de avaliação.

Na revisão do Programa de EMRC que entrou em vigor em 2013, e no seguimento das indicações da tutela, é visível a opção por uma estratégia de desenvolvimento curricular orientada por Metas Curriculares, definidas a partir das finalidades da disciplina de EMRC. São as metas que nos vão permitir determinar, de forma consistente, os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir¹⁰⁶. As capacidades apresentam-se estruturadas em domínios de natureza essencialmente intelectual (Domínios da Religião e

¹⁰⁵ Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Metas Curriculares de Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2013, 6.

¹⁰⁶ Cf. *Ibidem*, 4.

Experiência Religiosa e da Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida) e centradas no desenvolvimento social e moral, isto é, na aquisição de competências que facilitem e permitam um maduro agir moral (Domínio da Ética e Moral).

As metas só poderão ser totalmente atingidas aquando da conclusão da totalidade do percurso escolar, pelo que cada docente deve ter a preocupação de facultar aos seus discentes a aquisição da totalidade dos objetivos previstos para as várias unidades letivas. Os objetivos de aprendizagem também fornecem aos alunos uma mensagem clara do que se espera deles, favorecendo a auto-aprendizagem e a autonomização progressiva dos alunos.

Na edição de 2007, do Programa da disciplina de EMRC, as várias Unidades Letivas “surtem totalmente independentes umas das outras e sem pretensão de articulação temática no interior dos Níveis/Ciclos”¹⁰⁷. A título de exemplo referenciamos as Unidades Letivas que constituem o Programa de quinto ano: UL1: Caminhar em grupo; UL2: A Água, Fonte de Vida; UL3: Jesus, Um Homem para os outros; UL4: Promover a Concórdia e UL5: A Fraternidade. Como se pode verificar, estamos perante temáticas sem grande articulação horizontal.

À luz do Programa de 2007, o título da unidade letiva 3 “Jesus, Um Homem para os outros” não apresenta uma coerência lógica com o título que é apresentado no manual, onde este é adulterado para “Jesus de Nazaré”. Tal facto indicia, desde já, a ausência de um fio condutor e de um esquema concetual que estabeleça a ligação entre os vários conteúdos, não só da unidade letiva a analisar, mas também de todo o Programa de EMRC.

Na revisão do Programa, a Unidade Letiva 3 de quinto ano – “Jesus, Um Homem para os outros” – é transferida para o Programa de sexto ano, o que faz todo o sentido, uma vez que passa a existir uma coerência concetual de natureza teológica entre as Unidades Letivas que constituem este ano de escolaridade: UL1: A Pessoa Humana; UL2: “Jesus, Um Homem para os outros; UL3: A Partilha do Pão. Os conteúdos propostos mantêm-se inalteráveis.

¹⁰⁷ *Ibidem*, 7.

O Programa foi revisto, no entanto os manuais de EMRC, que se afiguram um importante recurso pedagógico-didático para os alunos, continuam desatualizados.

Os conteúdos que integram a unidade letiva “Jesus, Um Homem para os outros” exigem um elevado grau de abstração por parte dos alunos, o que dificulta a sua compreensão, interpretação e aquisição. Os alunos desta faixa etária ainda se encontram numa fase de desenvolvimento, tanto cognitivo como moral, em que existe uma forte relação com o concreto, com a realidade visível. Porém, a transferência desta unidade para o programa de sexto ano veio atenuar este problema.

Poder-se-á ainda alegar que estes conteúdos pretendem fazer uma síntese, ainda que confusa, de toda a vida pública de Jesus, culminando na sua prisão, paixão, morte e ressurreição. Não obstante alguns dos conteúdos desta unidade já terem tido uma breve abordagem em algumas unidades letivas de 1º ciclo, o certo é que continuam a ser excessivos em função da carga horária da disciplina de EMRC. É de referir que apenas as questões relacionadas com a existência de Deus são retomadas no 3º ciclo, mais concretamente na unidade letiva 2 de 9º ano “*Deus, o grande Mistério*”.

Embora reconheçamos que os “conteúdos não são o fim da educação”,¹⁰⁸ mas antes o “meio fundamental para alcançar esse fim”¹⁰⁹, os mesmos deveriam ser apresentados de forma coerente e articulada, quer dentro da própria unidade letiva, quer ao longo dos diferentes anos de escolaridade/ciclos.

Não obstante o exposto, o grande eixo da mudança ao nível da formação de professores reside na possibilidade que cada um de nós tem em deixar de ser consumidor de prescrições programáticas externas e tornar-se co-responsável pelos projetos curriculares, assumindo funções de decisão e gestão curricular.¹¹⁰

¹⁰⁸ Juan Francisco AMBRÓSIO, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*, in *Communio*, Revista Internacional Católica, Ano XVIII, 2001, 5.

¹⁰⁹ *Ibidem*.

¹¹⁰ Miguel ZABALZA, *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, Edições ASA, Rio Tinto, 1994.

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), a Unidade Letiva 2 de sexto ano foi planificada para ser lecionada na turma três do quinto ano. Tal situação fica a dever-se exclusivamente ao facto de no Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches esta Unidade Letiva ainda integrar a Planificação Anual de quinto ano, à semelhança da edição de 2007 do Programa da disciplina de EMRC.

2. Breve descrição da escola

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches foi constituído em 2001/2002 e integra uma escola com 2.º e 3.º ciclos, um estabelecimento com pré-escolar e cinco escolas do 1.º ciclo, das quais três possuem também educação pré-escolar, todas situadas na zona urbana de Braga, nas freguesias de S. Victor e de S. Vicente¹¹¹.

A Escola Básica Dr. Francisco Sanches, único estabelecimento de 2º e 3º ciclos deste Agrupamento, foi fundada em 1973 e esteve em fase de requalificação durante os anos letivos de 2012/2013 e 2013/2014. Durante esse período a escola ocupou um edifício antigo, o primeiro a ser utilizado por este estabelecimento de ensino, que progressivamente foi sendo abandonado à medida que edifícios mais modernos se foram acrescentando no espaço escolar. Foram esses edifícios que nos dois últimos anos estiveram em fase de requalificação. A mudança para as novas instalações ocorreu no início do ano letivo de 2014/2015, embora a sua inauguração esteja prevista apenas para abril. Este património edificado, ao contrário do anterior, já contempla Pavilhão Gimnodesportivo e laboratórios adequados à prática experimental.

Digno de destaque é facto de em 2009, a comunidade escolar inerente ao Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches ter sido definida como um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). Tal decisão justifica-se pelo número considerável de alunos oriundo de famílias que vivem em bairros sociais, “situando-se, do ponto de vista socioeconómico, num

¹¹¹ Cf. AGRUPAMENTO DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, Braga, 2009, 7.

estrato de baixos recursos e com fraco acesso a bens culturais”¹¹². Alguns desses discentes são provenientes de famílias desestruturadas, “com problemas que vão do desemprego, à toxicodpendência, ao alcoolismo, à baixa escolarização, entre outros”¹¹³.

Na escola Dr. Francisco Sanches é possível encontrar, também, discentes com características culturais que os definem como grupos minoritários dentro da instituição e para os quais é necessário definir estratégias de integração. De entre estes grupos é de destacar:

“Um grupo de famílias estrangeiras falantes de Português, oriundas do Brasil, Angola, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Um grupo de famílias estrangeiras em que a língua materna não é o Português, oriundas da Roménia, da Ucrânia, da China, do Senegal, da Lituânia, da Rússia, da França e de Marrocos.

Um grupo de famílias de etnia cigana, na maioria falantes de Romani”¹¹⁴.

Face ao exposto, podemos dizer que o Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches tem uma diversidade linguística, cultural e étnica muito significativa, a corroborar não apenas pela presença de alunos estrangeiros e de etnia cigana, mas também pelo contributo que cada um dos discentes traz para dentro da escola, sejam eles provenientes dos seus processos de aprendizagem, das experiências e dos hábitos das suas famílias, ou dos seus bairros e grupos culturais.

A opção por um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP) permitiu a este Agrupamento a adoção de uma real política de inclusão que se tem vindo a expressar no estudo das características de cada aluno, visível na identificação da sua identidade e na criação das condições possíveis e necessárias à implementação de medidas de apoio à aprendizagem, mas também na aposta numa diversidade de recursos pedagógicos, projetos e atividades de enriquecimento curricular, algumas dos quais “com efeitos positivos na imagem social do agrupamento, demonstrando um forte investimento na formação integral dos alunos e na sua motivação para a aprendizagem”¹¹⁵.

¹¹² *Ibidem*, 13.

¹¹³ *Ibidem*.

¹¹⁴ *Ibidem*.

¹¹⁵ *Ibidem*, 5.

De realçar é ainda a celebração de um Contrato de Autonomia que o Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches estabeleceu com o Ministério de Educação e Ciência. Tal pacto foi estabelecido em 2012 e mantém-se em desenvolvimento no ano letivo de 2014/2015, sendo o sustentáculo ao Projeto Educativo deste Agrupamento.

3. Caracterização da turma

A caracterização da turma três do quinto ano aqui apresentada teve subjacente a informação recolhida pela Diretora de Turma através das fichas biográficas preenchidas pelos alunos no início do ano letivo, da consulta dos processos individuais e do Plano de Turma do ano transato.

Conhecer o perfil da turma é algo indispensável e deve anteceder a lecionação de qualquer unidade letiva, pois dele depende a seleção das atividades/estratégias, bem como os recursos a adotar.

Dos dados estatísticos que me foram facultados antes da lecionação da unidade letiva é de constatar que a turma é composta por vinte e três alunos, quinze dos quais do sexo masculino e oito, do sexo feminino. São discentes que, em média, possuem dez anos de idade, uma vez que apenas dois rapazes têm onze anos. A esmagadora maioria destes jovens é de nacionalidade portuguesa, exceto uma discente que é de origem brasileira.

Quanto à constituição do agregado familiar, cerca de metade dos alunos desta turma vive com os pais e irmãos (12 alunos). Há ainda cinco discentes que moram apenas com os pais. É de realçar a existência de agregados monoparentais, em que os alunos coabitam apenas com um dos progenitores (5 alunos). A mãe é na maioria dos casos o encarregado de educação destes alunos (14 alunos).

No atinente ao nível socioeconómico, é de salientar que a maioria dos alunos é proveniente de um meio socioeconómico médio, desempenhando os pais profissões muito díspares.

Para concluir é importante mencionar que a turma é composta por alunos participativos e empenhados na realização das tarefas propostas, reagindo com entusiasmo às atividades que lhes são apresentadas.

4. Apresentação genérica da Unidade Letiva

O professor é, à semelhança do preconizado por Peter Woods, um profissional de educação com autonomia e responsabilidade para intervir nas decisões relativas ao seu campo profissional, colaborando na definição das orientações curriculares e, portanto, analisando, questionando e redefinindo a forma de as organizar.¹¹⁶

Neste âmbito, o processo de gestão do currículo exige um planeamento estratégico que “requer uma concepção finalizada e orientadora, mas também flexível e aberta, das formas pelas quais se pretende levar os alunos a fazer determinada aprendizagem”¹¹⁷.

A conceção e planeamento da Unidade Letiva 2 *Jesus, um Homem para os outros* deve ser entendida “numa perspectiva processual e dinâmica”¹¹⁸, daí que se tenha tido em consideração uma multiplicidade e complexidade de fatores, à semelhança do que acontece em qualquer ação de ensinar. Há condicionantes institucionais e organizativos, determinantes físicos e materiais, experiências anteriores e hábitos de trabalho, mas há também um conjunto de “interações em constante evolução e uma relação pedagógica em permanente (re)construção”¹¹⁹. Assim, numa primeira fase, começamos por fazer uma avaliação de partida da turma, e da própria sala de aula, onde irá decorrer a Prática Pedagógica Supervisionada (PES), fazendo referência às potencialidades/limitações dos recursos materiais e humanos.

O ato de planificar não corresponde a uma mera técnica de organização das atividades e estratégias que levam à consecução de um objetivo na exploração de um conteúdo. Equivale

¹¹⁶ Peter WOODS, *Investigar a Arte de Ensinar*, Porto Editora, Porto, 1999.

¹¹⁷ Teresa LEITE, *Planeamento e concepção da acção de ensinar*, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2010, 18.

¹¹⁸ Antoni ZABALA, *A Prática Educativa*, ArtMed, São Paulo, 1998.

¹¹⁹ Teresa LEITE, *Planeamento e concepção da acção de ensinar*, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2010, 20.

antes a um processo decisional fundamentado que implica uma conceção estratégica global da ação pedagógica, a qual é depois operacionalizada de forma mais precisa e detalhada.¹²⁰

Esta conceção estratégica global a que Maria do Céu Roldão se refere, implica a tomada de um conjunto de decisões ao nível da definição de prioridades, da forma de articulação e sequencialização de conteúdos e do modo de organização evolutiva das situações de aprendizagem. Na base da tomada decisões temos que ter sempre presente a heterogeneidade dos alunos que constituem a turma onde a Prática de Ensino Supervisionada vai decorrer, caso contrário a aprendizagem não será alcançada por todos os discentes.

Os campos de conhecimento/domínios que os alunos devem adquirir na disciplina de EMRC são três: religião e experiência religiosa, cultura cristã e visão cristã da vida, ética e moral. No final da Unidade Letiva 2 (UL2) – “Jesus, um Homem para os outros” – os alunos terão que ter alcançado conhecimentos inerentes aos domínios da “religião e experiência religiosa” e da “cultura cristã e visão cristã da vida”, ou seja capacidades de natureza essencialmente intelectual. No domínio da “religião e experiência religiosa” pretende-se a aquisição da meta B – “construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história”. Quanto ao domínio da “cultura cristã e visão cristã da vida”, o objetivo é alcançar a meta E – “identificar o núcleo central do e do catolicismo”¹²¹.

Como já foi referido, para se ensinar é preciso planificar e este ato não pode reduzir-se à forma como se aborda um determinado conteúdo. É preciso definir um fio condutor global que englobe um conjunto de ações e que seja pensado explicitamente para um determinado contexto. Neste âmbito, a avaliação de partida e as metas curriculares constituíam um claro facilitador, porque foi a partir delas que se definiu os conhecimentos e as capacidades a adquirir e a desenvolver pelos alunos da turma três do quinto ano.

¹²⁰ Maria do Céu ROLDÃO, *Estratégias de Ensino. O Saber e o Agir do Professor*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2009.

¹²¹ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Metas Curriculares de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, 2013, 5.

Neste sentido, foi com base no programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica¹²² que se tomaram as decisões relativas à definição dos objetivos para esta unidade letiva e a consequente articulação em torno de conteúdos e estratégias/situações de aprendizagem a implementar em contexto de sala de aula, num total de cinco aulas.

Na planificação houve a preocupação de definir, com bastante rigor, a totalidade dos objetivos previstos para a Unidade Letiva a lecionar, pois é a aquisição cumulativa e interativa desses objetivos que permite ao aluno, ao longo do seu percurso escolar, familiarizar-se com e interiorizar as metas curriculares definidas para a disciplina de EMRC. Assim, houve a necessidade de exercer um juízo crítico para sequencializar e organizar uma tão grande quantidade de objetivos e conteúdos, bem como criar dispositivos de aprendizagem adequados à diversidade dos alunos da turma onde iria decorrer a Prática de Ensino Supervisionada.

Posteriormente, a seleção das atividades ou sequência de atividades, de um conjunto de estratégias enquadrou-se, portanto, na opção estratégica global que foi tomada, tendo em vista a aprendizagem dos alunos e tendo em conta as especificidades da turma três do quinto ano. Assim, as decisões que se tomaram relativamente ao tipo de atividades e à forma de organização do grupo turma para a consecução de algumas dessas tarefas, não poderão ser consideradas corretas ou incorretas em si mesmas, uma vez que a sua apreciação depende da estratégica global que foi delineada para alcançar os objetivos propostos para esta unidade.

Para se perceber a adequação da escolha de uma atividade e a sua inserção na estratégia global, houve a preocupação de, nas planificações, se fazer um breve detalhe da forma como se irá desenvolver essa atividade. Pensar simplesmente na exploração de um PowerPoint, na visualização de um filme, ou na realização de um jogo sem nos debruçarmos sobre o modo como se irá pôr em prática essa intenção, pode ser suficiente para concretizar as atividades e ocupar o tempo da aula, mas não basta para garantir que as situações de aprendizagem proporcionadas se

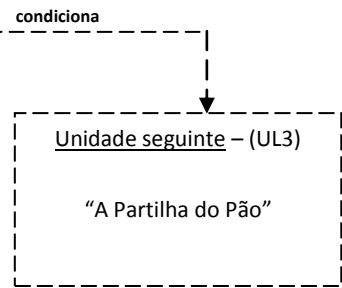
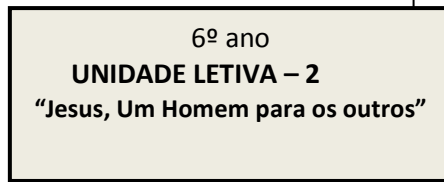
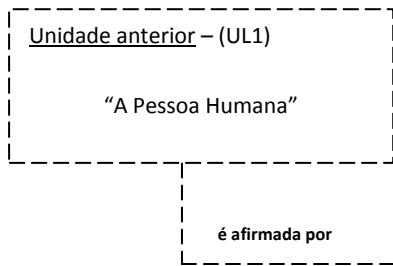
¹²² Cf. *Ibidem*.

enquadrem na opção estratégica definida para atingir os objetivos da unidade “Jesus, Um homem para os outros”.

Por outro lado, há atividades/estratégias que serão usadas mais do que uma vez, embora com intenções muito diferentes, daí serem colocadas em ação de modo diferente tal como veremos nos subpontos seguintes, relativos à descrição que é feita de cada uma das aulas. Subjacente às decisões que se tomaram a esse nível, estiveram opções estratégicas de fundo, que se relacionam com a forma que considerei mais adequada para fazer aprender um determinado grupo de alunos. Para essas opções estratégicas concorreram as minhas preferências e crenças pedagógicas. Assim, e partindo do princípio de que uma aula deve ser centrada nos alunos, foram sendo privilegiadas metodologias de aprendizagem que propiciassem a reconstrução e reestruturação cognitiva do seu conhecimento. Tentou-se selecionar atividades que contemplassem a componente procedimental e atitudinal dos alunos, apostando em técnicas de modelação participativa.

De entre o conjunto de ações que envolve o ato de planificar está a avaliação dos alunos. A avaliação dos alunos prevista na planificação desta unidade letiva, ainda que considere os resultados da aprendizagem, incidirá preferencialmente sobre os processos desenvolvidos pelos discentes face às tarefas propostas. Será uma aposta na avaliação formativa que decorrerá no final de cada aula, analisando-se desse modo os produtos da aprendizagem, permitindo, se necessário, proceder a uma reorientação do trabalho nas aulas subsequentes consoantes as diferentes necessidades dos alunos.

De uma planificação mais genérica, passaremos para uma planificação mais explícita e detalhada da forma como se desenvolverão, na prática, as atividades e as técnicas de aprendizagem. A descrição de cada uma das aulas servirá para se perceber a adequação destas às opções estratégicas e às finalidades, servindo também para se entender a orientação que o professor pretende dar à sua ação.



AVALIAÇÃO DE PARTIDA

FINALIDADES DA DISCIPLINA

Recursos * <u>Materiais:</u> Retroprojektor Computador -Computador	* <u>Humanos</u> Professor Alunos: - cooperantes - observadores	Limitações * <u>Humanas</u> Alunos: - Número	* <u>Temporais</u> Nº de aulas = 5
---	---	--	---------------------------------------

- Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social.
- Aprender o fundamento religioso da moral cristã;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir

esteve na base da elaboração de

METAS

Religião e experiência religiosa	DOMÍNIOS
Cultura cristã e visão cristã da vida	
Ética e moral	

estruturadas por

- E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo ((Obj. 1)
- K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso ((Obj. 2)
- B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história ((Obj. 3 e 4)
- M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano ((Obj. 5)

permitem a definição de um conjunto de

OBJETIVOS

Saber ser - Manifestar interesse pelo tema - Ser rigoroso nas observações - Participar em todas as atividades - Refletir	Saber fazer - Utilizar terminologia adequada - Observar com precisão - Estabelecer relações entre os fenómenos - Analisar e interpretar documentos - Realizar sínteses - Procurar soluções para a resolução de problemas	Saber 1- Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã. 2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, com o núcleo central da mensagem cristã. 3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus. 4. Reconhecer a Ressurreição de Cristo como vitória da Vida sobre a morte. 5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano.
---	---	--

articulam-se em torno de

CONTEÚDOS			ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	AVALIAÇÃO
Atitudinais	Procedimentais	Temáticos		
<ul style="list-style-type: none"> • Interesse • Participação • Cooperação • Empenho • Reflexão • Espírito crítico 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação entre os fenómenos/conceitos. • Observação/interpretação de imagens e mapas. • Leitura e interpretação de textos. • Procura de soluções para a resolução de problemas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Quem é Jesus de Nazaré? - Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias (Cristo). • O Filho de Deus. - O anúncio do Reino de Deus: a vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor. • O nascimento de Jesus marcou a história. • O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus, dada a sua importância. • A arte celebra o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus. 	<ul style="list-style-type: none"> • Visualização de um PowerPoint intitulado: “Quem é Jesus Cristo?” - O professor convida os alunos a indicar palavras relacionadas com Jesus Cristo. - O professor elabora, no quadro, um esquema com os atributos/mensagem de Jesus Cristo mencionados pelos alunos. • Elaboração de uma sopa de letras sobre os atributos/mensagem de Jesus de Nazaré. • Leitura e interpretação de um mapa da Palestina. - Os alunos são convidados a identificar o local do nascimento de Jesus Cristo. • Visualização de um friso cronológico relativo ao ano de nascimento de Jesus Cristo. - O professor faz uma breve explicação ao friso, referindo a data provável do Seu nascimento. • O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus, dada a sua importância. • A arte celebra o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus. 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação atitudinal: “Técnica do Moinho”.

CONTEÚDOS			ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	AVALIAÇÃO
Atitudinais	Procedimentais	Temáticos		
		<ul style="list-style-type: none"> O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus, dada a sua importância. Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura: (Obj. 2) <ul style="list-style-type: none"> A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa (cf. Lc 12, 22ss); Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus: inclusão dos marginalizados, dos pobres, dos doentes; A revolução do coração humano: viver centrado no amor ao próximo (e próximo é todo o que precisa de mim, independentemente da sua origem ou identidade); O perdão de Deus e a necessidade de arrependimento; Uma religião que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade, e não uma religião do culto exterior (Lc 18, 9-14). O conflito com os poderosos: os saduceus, os fariseus, os romanos. (Obj. 3) O destino de Jesus. A ressurreição – Jesus é o Senhor e o Filho de Deus. (Obj. 4) Deus quer a vida e não a morte. Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros? (Obj. 5) Devo ser capaz de: respeitar; cuidar; ajudar; compreender; partilhar; amar. 	<ul style="list-style-type: none"> Visualização e exploração de um PowerPoint com os diferentes tipos de Calendários. <ul style="list-style-type: none"> Os alunos são convidados a estabelecer uma comparação entre a data de nascimento de Jesus e o calendário gregoriano, estabelecendo desta forma o elo de ligação à aula anterior. Visualização de algumas imagens alusivas ao nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Distribuição de um guião. <ul style="list-style-type: none"> Para cada imagem projetada, os alunos terão que identificar a etapa da vida de Jesus. Posteriormente, os alunos procuram a imagem no guião e fazem a legenda da mesma. Por último, tentam sequencializar as imagens projetadas. Montagem, pelos alunos, de um pequeno Jornal de Parede com as imagens relativas ao nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Exploração de um PowerPoint: <ul style="list-style-type: none"> "Parábola do Bom Samaritano". Visualização e exploração de uma animação sobre "a organização política e social do povo judeu no tempo de Jesus Cristo", inserindo este povo no domínio do império Romano. Visualização de um excerto do filme "IV Evangelho segundo S. João", episódio sobre "O Julgamento de Jesus Cristo". <ul style="list-style-type: none"> Exploração do filme com o intuito de, a partir da morte de Jesus, retirar ensinamentos para a vida concreta. Resolução e correção de uma ficha de trabalho. Visualização de um excerto do filme "IV Evangelho segundo S. João", episódio sobre "A ressurreição de Jesus Cristo". <ul style="list-style-type: none"> Exploração do filme com o intuito de, a partir da morte e ressurreição de Jesus, retirar ensinamentos para a vida concreta. Realização de um jogo: "Quem quer ser 100% EMRC"? <ul style="list-style-type: none"> Preenchimento de um guião com o objetivo de consolidar conhecimentos acerca da vida de Jesus Cristo. Audição da música "Acolhe a Vida" de um Grupo Catequético Juvenil de Santarém. <ul style="list-style-type: none"> Os alunos são convidados a reproduzir a música, a partir da letra facultada pelo professor. Exploração da canção, com base no diálogo, apelando ao respeito pela vida para a orientação do comportamento em situações do quotidiano. Decoração da armação de um guarda-chuva com os valores que dão sentido à vida: <ul style="list-style-type: none"> O professor distribui uma folha de papel a cada aluno, onde consta um sol. Cada aluno é solicitado a recortar o sol e a escrever nele um valor. O professor abre a armação de um guarda-chuva para que os alunos o possam decorar com os valores em forma de sol. 	



EIXO (S) ESTRUTURANTE (S) METODOLÓGICO (S)

Partindo do princípio de que uma aula deve ser centrada nos alunos, serão de privilegiar metodologias de aprendizagem que propiciem a reconstrução e reestruturação cognitiva do seu conhecimento. Tentar-se-ão desenvolver atividades que contemplem a componente procedimental e atitudinal dos alunos, privilegiando-se técnicas de modelação participativa.

4.1. Aula nº 1 – *Jesus de Nazaré: o centro da identidade cristã*

A primeira etapa da aula que inicia a Unidade Letiva 2, *Jesus, um Homem para os outros*, e enquanto se aguarda a entrada dos alunos e a preparação dos seus materiais nas diversas carteiras, foi experimentar os recursos informáticos para que nenhum imprevisto pudesse desencadear quebras no ritmo normal da aula. Posteriormente, tornou-se fundamental fazer uma breve apresentação do professor, justificando a sua presença nesta aula e em todas as que estiver previsto a lecionação da supracitada unidade. Segue-se uma breve abordagem ao título da unidade letiva e, na sequência desta, a projeção multimédia do sumário com a seguinte redação: “Introdução ao estudo da unidade letiva *Jesus, um Homem para os outros*: *Jesus de Nazaré - atributos e a mensagem que trouxe à humanidade*”. Os discentes fazem a sua transcrição para os cadernos diários.

Passando agora para a explicação propriamente dita dos conteúdos que fazem parte da unidade letiva, decidi apresentar um PPT intitulado: “Quem é Jesus Cristo?”. Após a visualização do mesmo, o professor convidando os alunos a indicar palavras relacionadas com Jesus Cristo, registando-as progressivamente no quadro. Esgotados os contributos dos discentes, o professor transformou aquele misto enriquecido de vocábulos num esquema-síntese sobre os atributos/mensagem de Jesus Cristo. Foi uma estratégia que incitou bastante os alunos a uma participação ativa e que os levou a compreender perfeitamente que Jesus Cristo começou por ser conhecido na terra pelo bem que fazia e pela forma como ensinava. Falava do Reino de Deus, um reino que não é como os outros reinos do mundo porque este está dentro de cada pessoa. O Reino de Deus é, à semelhança do já referenciado no capítulo anterior, o poder do amor de Deus a reinar no coração de cada um. Como forma de verificar a aquisição de conhecimentos a este nível, e fazendo-o de uma forma lúdica e apelativa, foi dada oportunidade aos discentes de realizarem uma sopa de letras subordinada ao tema: “Os atributos de Jesus Cristo”. Foi interessante verificar o entusiasmo com que os alunos tentavam encontrar as palavras.

Os evangelistas Lucas e Mateus relatam-nos que Jesus nasceu em Belém, durante o domínio do Império Romano. Os seus pais eram judeus e viviam em Nazaré, na pequena província da Palestina. As populações, conquistadas pelo império, eram obrigadas a contribuir para o sistema fiscal de Roma, através do pagamento de impostos. Os governantes de Roma realizavam, periodicamente recenseamentos para atualização dos registos dos seus contribuintes. São Lucas, na narrativa do nascimento de Jesus, conta-nos que o imperador romano, César Augusto, deu ordens para que todos os povos da Palestina, que estavam sobre o domínio do império romano, se recenseassem nos locais de origem, ou na terra de origem dos seus antepassados. É neste contexto que os pais de Jesus fizeram uma viagem de Nazaré até Belém quando Maria, grávida, aguardava o nascimento do menino. Face à importância que o acontecimento representa para a humanidade, é apresentado um mapa da Palestina para que os alunos fossem capazes de identificar o local de nascimento de Jesus.

Feita a localização espacial, havia necessidade de abordar a questão temporal e para isso nada melhor do que apresentar um friso cronológico relativo ao ano de nascimento de Jesus Cristo. Tornou-se imperioso o professor fazer uma breve explicação do friso, referindo que Jesus terá nascido por volta do ano 6 ou 7 a.C., estabelecendo desta forma a ponte para a aula seguinte.

Aula nº1 – Jesus de Nazaré: o centro da identidade cristã

Sumário: Introdução ao estudo da unidade letiva “Jesus, um Homem para os outros”:

- Jesus de Nazaré: atributos e a mensagem que trouxe à humanidade.
- O local e a data provável do nascimento de Jesus.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Atividades/Estratégias de ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
<p>E. Identificar o núcleo central do catolicismo. <i>(domínio cultura cristã e visão cristã da vida)</i></p> <p>K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso. <i>(domínio cultura cristã e visão cristã da vida)</i></p>	<p>1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quem é Jesus de Nazaré? <ul style="list-style-type: none"> - Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias (Cristo). • O Filho de Deus. <ul style="list-style-type: none"> - O anúncio do Reino de Deus: a vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor. • O nascimento de Jesus marcou a história. 	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção e registo do sumário. • Visualização de um PowerPoint intitulado: “Quem é Jesus Cristo?” <ul style="list-style-type: none"> - O professor convida os alunos a indicar palavras relacionadas com Jesus Cristo. - O professor elabora, no quadro, um esquema com os atributos/mensagem de Jesus Cristo mencionados pelos alunos. • Elaboração de uma sopa de letras sobre os atributos/mensagem de Jesus de Nazaré. • Leitura e interpretação de um mapa da Palestina. <ul style="list-style-type: none"> - Os alunos são convidados a identificar o local do nascimento de Jesus Cristo. • Visualização de um friso cronológico relativo ao ano de nascimento de Jesus Cristo. <ul style="list-style-type: none"> - O professor faz uma breve explicação ao friso, referindo a data provável do Seu nascimento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador • Videoprojector • Quadro • Giz • Manual de 5º ano de EMRC • Materiais didáticos a utilizar pelo professor (PowerPoint, sopa de letras, mapa...) 	<p>5 min.</p> <p>5 min.</p> <p>10 min.</p> <p>5 min.</p> <p>10 min.</p> <p>5 min.</p> <p>5 min.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação atitudinal: “Técnica do moinho”.

4.2. Aula nº2 – Deus: o núcleo central da mensagem cristã

A segunda aula subdivide-se entre Jesus Cristo como centro da identidade cristã e o anúncio do Deus misericordioso, por Jesus, como o núcleo central da Sua mensagem.

A aula tem início com o acolhimento aos alunos, a que se segue a projeção do seguinte sumário: “Jesus, um marco na História: Os diferentes tipos de calendários, com especial relevo para o calendário gregoriano. A celebração do nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus a partir de algumas obras de arte. A mensagem de Jesus Cristo sobre o amor infinito de Deus pela humanidade.”. Os alunos registam o sumário no caderno diário, funcionando este como um agendamento dos conteúdos a abordar.

De seguida, é apresentado um PowerPoint com os diversos tipos de calendários, em virtude da necessidade que sempre houve de contar o tempo. Sabe-se que existiram aproximadamente quarenta calendários, muitos dos quais já não são utilizados. O calendário usado no Ocidente é o Calendário Gregoriano, em homenagem ao Papa Gregório XIII que o promulgou em 1582. A organização de um calendário está centrada num acontecimento importante, a partir do qual se começam a contar os anos. Incentivando à participação, o professor convida os alunos a estabelecer uma comparação entre a data de nascimento de Jesus e o calendário gregoriano, estabelecendo desta forma o elo de ligação à aula anterior. Ficou bastante claro que, no caso do calendário gregoriano, o ponto de referência é o nascimento de Jesus, porque Ele transformou a história da humanidade. Também há outros calendários que são utilizados, embora em certas circunstâncias, como é o caso do calendário chinês, islâmico ou hebraico. No entanto, o calendário centrado no nascimento de Jesus é aquele à volta do qual tudo está organizado. Mesmo os povos que não são cristãos usam o calendário gregoriano, só que em vez de utilizarem a designação a.C. (antes de Cristo) e d.C. (depois de Cristo), dizem antes ou depois da Era Comum.

A aula prossegue com a visualização de algumas imagens alusivas ao nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Desde o Seu nascimento que Jesus é fonte de inspiração

para pintores e escultores, que nos deixaram uma grandiosa e vasta obra. Aos discentes é distribuído um guião para que possam interpretar as referidas produções estéticas alusivas à vida de Jesus Cristo. Para cada imagem visualizada, os alunos são solicitados a identificar a etapa da vida de Jesus. Depois, os alunos procuram a mesma imagem no guião e fazem a legenda da mesma. Por último, os discentes tentam sequencializar as imagens visualizadas. Perceber a utilidade da presença de representações e alusões à vida de Jesus, em todo o mundo e em todas as épocas, desde o Seu nascimento, demonstra a importância que a vida de Jesus teve, e tem, na história da humanidade. A atividade culmina com a montagem, pelos alunos, de um pequeno Jornal de Parede com as produções estéticas relativas ao nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo que foram apresentadas. Foi uma situação de aprendizagem dinâmica, a corroborar pelo envolvimento dos alunos e pela curiosidade que lhe suscitou.

Na última etapa da aula é feita referência ao Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como o núcleo central da mensagem cristã. É importante que os alunos percebam que Jesus percorreu o seu país, ajudando todos os que precisavam e ensinando uma mensagem cheia de grande novidade. As Suas palavras surpreendiam muitas pessoas porque o que Jesus dizia acerca de Deus não era o que as pessoas estavam habituadas a ouvir. Para auxiliar os alunos na compreensão desta temática, recorri a um excerto do Evangelho de Lucas intitulado “Confiança em Deus” (Lc 12, 22-31). Este excerto faz parte de um conjunto de textos que contêm os ensinamentos de Jesus aos seus discípulos. Para Ele, não há dúvidas de que Deus é tão bom que não se esquece de nos dar tudo aquilo de que precisamos. Afinal, tudo aquilo de que dispomos e tudo o que existe é dom de Deus. O diálogo horizontal e vertical em torno da mensagem de Jesus Cristo sobre o amor infinito de Deus pela humanidade serviu para que estes jovens percebessem que, mais importante do que vivermos obcecados com o dia de amanhã, é vivermos o momento presente. Todos nós nos preocupamos demasiado com o que vamos comer e vestir e olhamos o futuro com alguma apreensão, quando, pelo contrário, deveríamos dar mais importância àquilo que é mais valioso na vida: o amor, a solidariedade, a justiça. Isso é a prova de que nos

poderíamos concentrar no presente, construindo na nossa vida e na vida daqueles que nos rodeiam um mundo mais belo e feliz. Diante disto, tudo o resto perde importância. Jesus diz-nos que se depositarmos em Deus a nossa confiança, conseguiremos viver de forma mais pacífica os problemas de cada dia e dificilmente desanimaremos, apesar das dificuldades. É esta certeza que foi transmitida aos alunos: Deus está presente, embora nem sempre nos apercebamos da sua presença. No texto “Confiança em Deus”, Jesus fala-nos dos pássaros e das flores como exemplos de sabedoria: vivem felizes, confiando naquilo que a natureza lhes oferece. Do mesmo modo, também nós, se confiarmos, seremos mais felizes, porque estaremos mais disponíveis para amar e saborear a vida. Não nos sentiremos esmagados pelas preocupações diárias nem pelo desejo de acumular bens materiais.

Aula nº2 – Deus: o núcleo central da mensagem cristã

Sumário: - Jesus, um marco na História: os diferentes tipos de calendários, com especial relevo para o calendário gregoriano. A celebração do nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus a partir de algumas obras de arte.

- Os ensinamentos de Jesus Cristo: a mensagem de Jesus Cristo sobre o amor infinito de Deus pela humanidade.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
<p>E. Identificar o núcleo central do catolicismo. <i>(domínio cultura cristã e visão cristã da vida)</i></p> <p>K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso. <i>(domínio cultura cristã e visão cristã da vida)</i></p>	<p>1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus, dada a sua importância. • A arte celebra o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus. 	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção e registo do sumário. • Visualização e exploração de um PowerPoint com os diferentes tipos de Calendários. - Os alunos são convidados a estabelecer uma comparação entre a data de nascimento de Jesus e o calendário gregoriano, estabelecendo desta forma o elo de ligação à aula anterior. • Visualização de algumas imagens alusivas ao nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Distribuição de um guião. - Para cada imagem projetada, os alunos terão que identificar a etapa da vida de Jesus. - Posteriormente, os alunos procuram a imagem no guião e fazem a legenda da mesma. - Por último, tentam sequencializar as imagens projetadas. • Montagem, pelos alunos, de um pequeno Jornal de Parede com as imagens relativas ao nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador • Videoprojector • Quadro • Giz • Manual de 5º ano de EMRC • Materiais didáticos a utilizar pelo professor (PowerPoint, ficha de trabalho, imagens...) 	<p>5 min. 10 min.</p> <p>5 min.</p> <p>10 min.</p> <p>5 min.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação atitudinal: “Técnica do moinho”.

	<p>2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, com o núcleo central da mensagem cristã.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura: <ul style="list-style-type: none"> - A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa (cf. Lc 12, 22ss); - Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus: inclusão dos marginalizados, dos pobres, dos doentes; - O perdão de Deus e a necessidade de arrependimento; - Uma religião que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade, e não uma religião do culto exterior (Lc 18, 9-14). 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e exploração do texto: “Confiança em Deus” (Lc 12, 22-31). <ul style="list-style-type: none"> - Resolução de alguns exercícios. 		10 min.	
--	--	---	---	--	---------	--

4.3. Aula nº 3 – O destino de Jesus, o Filho de Deus

Feita a tradicional saudação aos alunos, estes são convidados a relatar alguns dos ensinamentos de Jesus aos seus discípulos, estabelecendo desta forma o elo de ligação à aula anterior.

De seguida, e dada a necessidade de agendar os conteúdos a abordar na presente aula, é projetado o sumário com o seguinte texto: “O amor ao próximo: “A Parábola do Bom Samaritano”. A organização política e social da época de Jesus Cristo: visualização de uma animação. O julgamento de Jesus: Visualização de um excerto do filme: “IV Evangelho segundo S. João”.

A terceira aula assume, de facto, um lugar de destaque no seio desta unidade letiva, porque é agora que chegou a momento de percebermos que o essencial é o amor a Deus e ao próximo. Para Jesus, o próximo não é só aquele de quem gosto, que é meu amigo, que é do meu grupo, da minha aldeia, etc. Próximo é todo o ser humano que precisa de mim, seja ele quem for. É neste âmbito que a leitura da Parábola do Bom Samaritano faz todo o sentido. É importante conduzir os discentes à perceção de que, quando não somos amigos dos outros, quando prejudicamos ou desprezamos o nosso próximo, ou simplesmente quando não fazemos o bem que poderíamos ter feito, estamos a agir contra a vontade de Deus. Estes jovens de 5º ano, quando lhes é lançado o desafio de refletir sobre os seus comportamentos no dia-a-dia, acabam por admitir que nem sempre se comportam como deveriam e como gostariam e nem sempre fazem as melhores escolhas. A Parábola do Bom Samaritano serviu para os alunos perceberem que Jesus anunciava que Deus ama e se interessa por todas as pessoas. Para Deus ninguém é mais importante do que ninguém. Todo o ser humano, independente da sua conduta, é amado por Deus. Alguns dos alunos pensavam que Deus amava os bons e desprezava ou, pelo menos, era indiferente em relação aos maus. Pelo contrário, para Jesus, a bondade e o amor de Deus são tão grandes que ele não abandona nem esquece ninguém. A Parábola do Bom Samaritano é um bom exemplo de como Jesus acolhe todos, mesmo aqueles que não se comportam como deveriam ou

que fizeram escolhas erradas. Porém, isso não quer dizer que Ele concorda com tais comportamentos. Pelo contrário, Jesus aconselhava ao arrependimento dos que erravam e à conversão dos seus corações, para serem bons, honestos e justos. O arrependimento consiste em reconhecer que se agiu mal e não tencionar voltar a fazer o mesmo.

Jesus chamava à conversão daqueles que tinham cometido qualquer espécie de maldade, não obstante se aproximar dos mais pobres, dos que estão doentes ou têm qualquer enfermidade. Na nossa vivência em sociedade, todos nós já constatamos que muitas dessas pessoas são marginalizadas, porque ainda há quem pense que a situação em que se encontram é um castigo divino por algum feito cometido. São, portanto, indivíduos rejeitados por Deus e, sendo rejeitados por Deus, também deviam ser rejeitados pelas pessoas de bem. A missão consiste em demonstrar a estes alunos, ainda de tenra idade, que o mal que acontece às pessoas não é um castigo divino; Deus não quer a doença, o sofrimento e a morte. Por isso, as pessoas sujeitas a esta experiência não são abandonadas por Deus, assim como não devem ser abandonadas pelas outras pessoas. Nos evangelhos, vemos Jesus a conversar com leprosos e a curá-los: todos são objecto da sua atenção, porque o coração de Deus é tão grande que cabem lá todos, mesmo os desprezados, os pecadores ou os doentes. O debate em torno desta questão terminou com o seguinte: Jesus, na sua bondade infinita, acolhe os pecadores e oferece-lhes constantemente o seu perdão, porque Deus é o Pai misericordioso. Não há dúvidas de que “Jesus, o Homem para os outros”.

Embora a temática do amor ao próximo tenha suscitado bastante interesse nos alunos, havia que prosseguir a aula, orientando os trabalhos para a temática da condenação e morte de Jesus. Para evitar alguma desmotivação nos alunos que poderia desencadear em quebras no ritmo da aula, o professor convidou-os a visualizarem uma animação sobre: “A organização política e social do povo judeu no tempo de Jesus Cristo”. Chegou o momento de os alunos perceberem que, apesar da mensagem de amor, nem todos gostavam e apreciavam o que Jesus fazia. No tempo de Jesus, havia alguns grupos de homens da Palestina que eram muito importantes e

poderosos: os Saduceus, os Fariseus e os Sacerdotes. A estes grupos não lhe agradavam ver muitas pessoas a seguir Jesus, adorando-o e aclamando-o. Jesus falava de um Reino e eles não compreendiam que esse reino era, afinal, a presença de Deus no coração de cada pessoa. Era crucial que os alunos entendessem que Jesus não queria o poder deles, não estava interessado em mandar nas pessoas, porque o seu poder era outro: ajudar as pessoas a voltar os seus corações para Deus. Porém, Jesus era muito crítico em relação à forma como estes grupos religiosos viviam a religião. Para eles, a pessoa religiosa era a que cumpria todos os ritos e obedecia a tudo o que estava prescrito nas leis. Reduziam a religião a um culto exterior. Para Jesus, o culto a Deus deve ser verdadeiro e de ordem espiritual, ou seja, tem de brotar do interior do ser humano e revelar uma relação de amor com Deus. Não se trata de cumprir rituais sem convicção. Trata-se de prestar homenagem a Deus porque é Ele quem nos dá a vida. Se presto culto a Deus, estou obrigado a tratar os outros como meus irmãos e a ser bondoso para com eles. Terá que existir uma relação íntima entre a vida e a religião, o que não era bem aceite pelos chefes religiosos. Para eles, Jesus criticava os rituais sagrados. Não percebiam que Jesus não tinha nada contra os rituais, ele apenas não aceitava que se vivesse uma vida religiosa mascarada e desligada do dia-a-dia, porque não resultava do amor a Deus e aos outros.

Posteriormente, é apresentado um excerto do filme “IV Evangelho segundo S. João”, episódio sobre “O Julgamento de Jesus Cristo”. O objetivo é explorar o filme com o intuito de, a partir da morte, retirar ensinamentos para a vida concreta. Jesus tinha consciência de que havia muitos que não gostavam dele e que queriam a sua morte. Um dia, um grupo de homens armados, enviados pelos chefes religiosos que não gostavam de Jesus, vinham prendê-lo. Foram guiados por um dos discípulos, Judas, que tinha aceitado dinheiro para lhes indicar onde Jesus estava. Jesus foi preso e julgado, contudo não conseguiram encontrar razões para o condenarem. Jesus não respondia às perguntas deles, porque sabia que já tinham resolvido condená-lo. Para este tribunal, Jesus era um charlatão porque se dizia investido da autoridade de Deus, mas o seu objetivo era enganar o povo e alcançar o poder. Tinha, portanto, cometido um dos piores crimes,

no entanto não podia ser condenado à morte porque a Palestina estava dominada pelos romanos e só o chefe do Império Romano podia tomar tal decisão. Por ocasião da festa da Páscoa judaica, o chefe da Judeia, Pôncio Pilatos, era habitual instalar-se no palácio de Herodes, sua residência oficial. Foi, provavelmente, neste palácio que se realizou o julgamento político de Jesus. Ao acusado era-lhe dada oportunidades de se defender e de recusar a acusação, caso não o fizesse, era considerado culpado. Os chefes religiosos para convencerem o Pôncio Pilatos de que Jesus deveria ser condenado à morte, disseram-lhe que Ele afirmara que era Rei, constituindo uma ameaça ao poder do imperador romano. Nesta ocasião, Pôncio Pilatos condenou Jesus à morte, através da crucifixão, tendo sido primeiro flagelado. É neste momento que um número considerável de alunos se questiona: “Afinal Jesus não era o mensageiro de Deus? Como é que Deus permitiu que Jesus morresse”? Rapidamente as mentes se iluminaram e alguns destes jovens responderam: Jesus está vivo e que está presente nas nossas vidas. O professor aproveita os contributos dos alunos para estabelecer a ligação para a aula seguinte, que terá como tema central a ressurreição de Jesus Cristo.

A aula encerra com uma atividade lúdica, a resolução de um anagrama. Esta técnica de escrever palavras relacionadas com a paixão e morte de Jesus Cristo, reorganizando as letras e usando apenas os caracteres que constituem o próprio anagrama, foi de grande utilidade porque desenvolveu a atenção/concentração, a reflexão e despertou o interesse pela temática em estudo.

Aula nº3 – O destino de Jesus, o Filho de Deus

Sumário: O amor ao próximo: “A Parábola do Bom Samaritano”.

- A organização política e social da época de Jesus Cristo. Visualização de uma animação.
- O julgamento de Jesus: Visualização de um excerto do filme: “IV Evangelho segundo S. João”.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história (<i>domínio religião e experiência religiosa</i>)	2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, com o núcleo central da mensagem cristã.	<ul style="list-style-type: none"> • A revolução do coração humano: viver centrado no amor ao próximo (e próximo é todo o que precisa de mim, independentemente da sua origem ou identidade). 	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção e registo do sumário. • Exploração de um PowerPoint: “<i>Parábola do Bom Samaritano</i>”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador • Videoprojector • Quadro • Giz • Manual de 5º ano de EMRC • Materiais didáticos a utilizar pelo professor (PowerPoint, anagrama, vídeo...) 	5 min.	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação atitudinal: “Técnica do moinho”.
					5 min.	
	3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus	<ul style="list-style-type: none"> • O conflito com os poderosos: os saduceus, os fariseus, os romanos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Visualização e exploração de uma animação sobre “<i>a organização política e social do povo judeu no tempo de Jesus Cristo</i>”, inserindo este povo no domínio do império Romano. 		5 min.	
					<ul style="list-style-type: none"> • O destino de Jesus. 	
			<ul style="list-style-type: none"> • Resolução de um anagrama sobre a paixão e morte de Jesus Cristo. 		5 min.	
					10 min.	

4.4. Aula nº 4 – A ressurreição de Jesus, o Senhor e o Filho de Deus

A quarta aula resume-se à ressurreição de Jesus, o Senhor e o Filho de Deus e terá início, à semelhança das transatas, com o registo do sumário. O sumário projetado consiste no seguinte: “A ressurreição de Jesus: visualização de um excerto do filme: “IV Evangelho segundo S. João”. Realização de um jogo - *Quem quer ser 100% EMRC?* – com o intuito de consolidar conhecimentos sobre a vida de Jesus”.

Na aula anterior foi abordada a condenação e morte de Jesus Cristo a partir do episódio: “O Julgamento de Jesus Cristo”. Com este acontecimento parecia ter acabado o Reino que Jesus tinha vindo a inaugurar. Faz todo o sentido nesta aula ser apresentado o episódio referente à “ressurreição de Jesus Cristo”, um outro excerto do filme “IV Evangelho segundo S. João”, para se perceber que Jesus era um enviado de Deus. Assim sendo, jamais Deus permitiria que Jesus morresse daquela maneira, desprezado por todos. Jesus não ficou morto. Voltou a viver, ressuscitou. À semelhança do que foi dito no capítulo dois, os cristãos crentes sabem que Jesus é o Filho de Deus, viveu a fazer e a ensinar o bem, morreu e ressuscitou por ter defendido a dignidade de todas as pessoas e o amor universal e infinito de Deus. Esta é a razão pela qual a Páscoa, que celebra a ressurreição de Jesus, é a festa mais importante do calendário religioso.

Em jeito de recapitulação e sinopse da temática da vida pública de Jesus Cristo foi realizado um jogo intitulado “Quem quer ser 100% EMRC”? Foi uma experiência de aprendizagem que gerou um grande dinamismo no ritmo da aula e um enriquecimento dos conhecimentos dos alunos acerca do nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Aula nº4 – A ressurreição de Jesus, o Senhor e o Filho de Deus

Sumário: A ressurreição de Jesus: Visualização de um excerto do filme: “IV Evangelho segundo S. João”.

Realização de um jogo - “*Quem quer ser 100% EMRC*”? – com o intuito de consolidar conhecimentos sobre a vida de Jesus.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história (<i>domínio religião e experiência religiosa</i>)</p>	<p>4. Reconhecer a Ressurreição de Cristo como vitória da Vida sobre a morte.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A ressurreição – Jesus é o Senhor e o Filho de Deus. • Deus quer a vida e não a morte. 	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção e registo do sumário. • Visualização de um excerto do filme “<i>IV Evangelho segundo S. João</i>”, episódio sobre “<i>A ressurreição de Jesus Cristo</i>”. - Exploração do filme com o intuito de, a partir da morte e ressurreição de Jesus, retirar ensinamentos para a vida concreta. • Realização de um jogo: “<i>Quem quer ser 100% EMRC</i>”? - Preenchimento de um guião com o objetivo de consolidar conhecimentos acerca da vida de Jesus Cristo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador • Videoprojector • Quadro • Giz • Manual de 5º ano de EMRC • Materiais didáticos a utilizar pelo professor (PowerPoint, vídeo, guião, vídeo...) 	<p>5 min. 10 min.</p> <p>10 min.</p> <p>20 min.</p> <p>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação atitudinal: “Técnica do moinho”.

4.5. Aula nº 5 – O valor da vida

A quinta aula encerra a lecionação da unidade letiva e tem início com uma saudação aos alunos e o registo do sumário, projetado pelo professor: *O valor da vida para a orientação do comportamento em situações do quotidiano: audição da música "Acolhe a Vida". Os valores que dão sentido à vida: decoração da armação de um guarda-sol.*

Todos os cristãos sabem que Jesus está vivo e é isso que lhes dá alento no seu quotidiano, porque têm Jesus com eles, presente nas suas vidas. Na primeira etapa da aula, o recurso à música "Acolhe a Vida" visa demonstrar aos alunos que Jesus Cristo é vida, é caminho, é esperança para todos os que crêem. Deus quer realmente a vida e está no meio de nós para nos dar a força de que necessitamos para vivermos felizes. Jesus ensinou que uma vida feliz é aquela que se vive a amar e a ajudar os outros, de modo a que todos juntos possamos construir um mundo onde todos tenham lugar e possam sentir-se na sua própria casa. Em suma, Jesus é o Filho de Deus, viveu fazendo e ensinando o bem, morreu e ressuscitou por ter defendido a dignidade de todas as pessoas e o amor universal e infinito de Deus.

A segunda parte da aula e em jeito de desfecho da unidade, o professor questiona os alunos sobre o que fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros? O objetivo é que os alunos saibam que Deus jamais os abandonará. Quando praticam más ações, Ele chama-os à razão; quando se arrependem, acolhe-os, perdoa-os e ajuda-os a reiniciar a vida. A vontade de Deus é que cada ser humano se relacione com ele, mas que também saiba viver uma relação de respeito e amizade com os outros. Tal significa dar primazia às riquezas espirituais e morais, em detrimento das materiais.

Todos nós sabemos que os bens materiais contribuem para o bem-estar das pessoas, no entanto não conduzem à felicidade, porque esta conquista-se com outro tipo de valores: a solidariedade, a bondade, a compaixão, a justiça e o amor. Sem nunca perder o fio condutor, o professor distribui, pelos alunos, uma folha com um sol que eles terão que recortar e escrever um valor que vá ao encontro das palavras de Jesus acerca do mandamento mais importante. A etapa

seguinte consiste em abrir a armação de um guarda-sol e decorá-lo com os valores inscritos nos diferentes sóis. Com esta atividade o que se pretende é inculcar nos alunos o espírito de amizade, porque se eles forem amigos uns dos outros, isso pode trazer-lhes uma vida melhor e fazê-los mais felizes.

Aula nº5 – O valor da vida

Sumário: O valor da vida para a orientação do comportamento em situações do quotidiano: audição da música "Acolhe a Vida".

Os valores que dão sentido à vida: decoração da armação de um guarda-sol.

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Instrumentos de Avaliação
<p>M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. <i>(domínio ética e moral)</i></p>	<p>5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros? • Devo ser capaz de: respeitar; cuidar; ajudar; compreender; partilhar; amar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção e registo do sumário. • Audição da música "Acolhe a Vida" de um Grupo Catequético Juvenil de Santarém. - Os alunos são convidados a reproduzir a música, a partir da letra facultada pelo professor. - Exploração da canção, com base no diálogo, apelando ao respeito pela vida para a orientação do comportamento em situações do quotidiano. • Decoração da armação de um guarda-sol com os valores que dão sentido à vida: - O professor distribui uma folha de papel a cada aluno, onde consta um sol. - Cada aluno é solicitado a recortar o sol e a escrever nele um valor. - O professor abre a armação de um guarda-sol para que os alunos o possam decorar com os valores em forma de sol. 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador • Videoprojector • Caderneta do aluno • Caderno diário • Quadro • Giz • Manual de 5º ano de EMRC • Materiais didáticos a utilizar pelo professor (folhas de papel, música...) • Armação de um guarda-sol • Rolhas de cortiça • Tesouras • Furador 	<p>5 min.</p> <p>5 min.</p> <p>5 min.</p> <p>5 min.</p> <p>25 min.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação atitudinal: "Técnica do moinho".

5. Os diferentes momentos didáticos: avaliação e reflexão

Como qualquer ação tem sempre um antes e um depois, ou seja requer planeamento e avaliação. Planeamento, acção e avaliação afiguram-se, por assim dizer, os pilares que sustentam qualquer situação pedagógica e “configuram um processo mais global de análise e reflexão sobre as situações pedagógicas, visando a melhoria destas”¹²³.

A ação de ensinar a unidade letiva “Jesus, um Homem para os outros” requereu planeamento e avaliação. Planificou-se em função dos objetivos que se pretendiam alcançar e das especificidades da turma; agiu-se em função desse plano e do feed-back que se foi recebendo; avalia-se o processo desenvolvido para se extrair algumas ilações para as ações a desenvolver no futuro.

A lecionação da unidade letiva dois: “Jesus, um Homem para os outros” afigurou-se um desafio e, simultaneamente, um caminho a percorrer. Ao longo destas cinco etapas, o correspondente às cinco aulas previstas para a lecionação da unidade supracitada, muito me debrucei sobre a formação de professores reflexivos, que devem ser capazes de se adaptarem a novas situações, conscientes das suas convicções, sem no entanto se deixarem manipular.

A avaliação aqui feita pode ser mais ou menos consciente e fundamentada, mas servirá sempre de trampolim para outras situações. O modo como planifiquei a unidade letiva, a forma como as aulas decorreram e a avaliação que agora descrevo reflete, pelo menos, a minha perceção do real e o modo particular de conceber a minha intervenção.

O recurso a metodologias de ensino ativas que envolvessem os alunos nas atividades propostas afigurou-se o mote ideal para a construção de um saber reflexivo que possibilitou aos alunos a reformulação de conceitos, a contestação de conhecimentos e que favoreceu a participação crítica de todos.

As atividades desenvolvidas nas aulas propiciaram o desenvolvimento de um clima que valorizou a capacidade de refletir criticamente não de forma isolada, mas de forma coletiva e

¹²³ Teresa LEITE, *Planeamento e concepção da acção de ensinar*, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2010, 18.

colaborativa, visto que o processo ensino-aprendizagem deve-se contrapor a uma mera transmissão de conhecimentos. Os alunos cooperaram e as aulas decorreram num clima de diálogo e de grande interação entre os seus participantes. É de enaltecer a conjuntura de interação que se foi construindo no decurso das aulas, a corroborar pela oportunidade que os alunos tiveram de discutir, trocar ideias, partilharem conhecimentos, ou seja, a todos lhe foi dada oportunidade de expor as suas experiências, compreensões, concordâncias e discordâncias em relação aos conteúdos abordados. Mesmo os momentos mais teóricos, com exposição e diálogo, revelaram-se da maior importância, tendo em vista que a teoria vem fundamentar a prática e uma contribui para o desenvolvimento da outra.

Estas aulas permitiram-me também refletir acerca do papel que um professor deve ter: bom comunicador, observador, reflexivo, humilde, bom ouvinte, paciente, inovador, etc. Provavelmente, serão muito poucos os professores que apresentam todas estas características. Na certeza porém, o ser humano não é perfeito nem o professor é um ser detentor de todo o saber. Contudo, considero que a pior atitude de um professor não se prende com o não possuir algumas das características atrás mencionadas, mas sim assumir que ele é o único detentor da verdade. A minha grande preocupação, pelo contrário, foi criar nos alunos desafios, incitá-los à participação, estimular-lhes o raciocínio, suscitar-lhes o interesse pelas temáticas a lecionar e incutir-lhes a acumulação de novos conhecimentos. Penso que esse objetivo foi amplamente alcançado.

Como aspetos preponderantes na forma como decorreu o processo de ensino aprendizagem, destaco os seguintes: o recurso a situações de aprendizagem dinâmicas que apelavam à interação permanente com os alunos; uma correta articulação dos conteúdos a abordar; o trabalho individual dos alunos, embora pouco frequente, foi sempre acompanhado de um debate ou uma exposição do professor para sistematizar/organizar as ideias; a compreensão e assimilação de conhecimentos que os alunos foram evidenciando; a boa gestão do tempo previsto

para a abordagem de cada conteúdo e a adoção de uma postura serena e segura capaz de gerar um clima de harmonia e, simultaneamente, controlar qualquer imprevisto na sala de aula.

Um outro aspeto a salientar, e não menos relevante, prende-se com a avaliação dos alunos, que se centrou em objetivos do saber ser e nos resultados obtidos pelos discentes ao longo da realização das atividades propostas. A escola e muito concretamente a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica são lugares de descoberta e promoção do desenvolvimento pessoal e social do aluno, pelo que não deve limitar o objeto de avaliação aos conhecimentos, pelo contrário deve dar especial relevo ao domínio das capacidades, atitudes e valores. Foi com base nesta perspetiva que apenas recorri a um único instrumento de avaliação formativa: a *técnica do moinho*.¹²⁴ Sendo este um instrumento de avaliação de atitudes, o professor deve seleccionar aquelas que é desejável promover em cada aula, tendo por base os conteúdos a lecionar e a caracterização da turma. Afigura-se um instrumento de grande utilidade porque nos dá uma visão de conjunto da evolução de cada aluno ao longo desta caminhada de cinco aulas, identificar mudanças que porventura ocorram nestes, além de proporcionar a comparação de discentes.

Na verdade, considero que não existem de facto erros, apenas lições. O crescimento é um processo de tentativas e erros e só experimentando é que realmente aprendemos. As experiências que poderão não dar certo fazem parte do processo de aprendizagem tal como as bem sucedidas. Não quero dizer que tudo foi perfeito, de forma alguma, até porque há situações que são alheias à vontade do professor.

Sendo assim, tenho plena consciência que as condicionantes temporais constituíram uma limitação a uma abordagem mais aprofundada dos conteúdos, assim como obrigou, em determinados momentos, a um corte na participação oral dos alunos. Talvez possamos afirmar

¹²⁴ Este instrumento foi criado por mim e contempla um elenco de sete atitudes, sendo cada uma delas inscrita nas pás do moinho. As atitudes a contemplar são aquelas que me pareceu ser desejável promover no cômputo geral da unidade. Em cada aula será dada primazia à avaliação de determinadas atitudes, dependendo dos conteúdos a abordar e dos objetivos propostos. Deste modo, serão apenas registados os números dos alunos que, em cada aula, se destacaram pela positiva em relação a uma determinada atitude. Os números serão registados na pá correspondente à(s) atitude(s) a contemplar nessa aula. Em cada aula será utilizada uma determinada cor para assinar os números dos alunos.

que houve bastante rigidez na planificação da unidade e no cumprimento da mesma, eventualmente decorrente da rigidez do programa da disciplina.

Fazendo um juízo crítico sobre a forma como as planificações estão redigidas, podemos dizer que as mesmas perspetivam “um cenário predeterminado a realizar absolutamente no tempo previsto”¹²⁵, nunca se encarando explicitamente a possibilidade de cenários alternativos ou estratégias diversificadas e adaptáveis aos alunos, em função das reações destes.

Embora neste caso em concreto estejamos a falar da lecionação de apenas uma unidade letiva, a realidade é que proporcionar aos alunos um ambiente de aprendizagem, afigura-se um trabalho diário de dedicação, compromisso, responsabilidade e conhecimento. Se por um lado, ainda nos deparamos com práticas enraizadas em conceitos ultrapassados e com recurso a estratégias demasiado tradicionais. Por outro, também existem excelentes profissionais, docentes brilhantes que conseguem do nada, realizar algo significativo.

Com esta reflexão espero ter feito uma análise franca e, acima de tudo, construtiva do meu percurso de lecionação desta unidade. Também acredito que ela possibilitou a descoberta de novos caminhos para melhorar o meu trabalho como docente.

¹²⁵ Marguerite ALTET, *Análise das Práticas dos Professores e das Situações Pedagógicas*, Porto Editora, Porto, 2000, 114.

CONCLUSÃO

Chegados ao final deste percurso, há que afirmar que Jesus foi de facto uma figura pública de grande eloquência: ajudou os mais fracos e necessitados e ensinou a todos como ir ao encontro de Deus. Ou seja, “Jesus, o Homem para os outros”. É com esta certeza que, percorrido o itinerário de reflexão cristológica, pedagógica e didática da unidade letiva 2, *Jesus, um Homem para os outros*, do 6º ano de escolaridade, caminho em direção a uma nova etapa na minha vida pessoal e profissional. Comigo levo uma bagagem repleta de “ensinamentos” que me permitirão enriquecer como pessoa e como profissional da educação.

Pelo facto de grande parte deste trabalho ter decorrido no espaço da própria prática, e no decurso de mais um ano dedicado à lecionação da disciplina de EMRC num outro Agrupamento de Escolas, permitiu-me vivenciar o exercício reflexivo durante a prática em contexto de sala de aula e durante a pesquisa que dela emergiu. A reflexão afigurou-se um dos caminhos para atingir patamares cada vez mais complexos. O produto deste trabalho é visível numa maior ponderação de muitas das minhas intenções, representações e estratégias de intervenção.

Similarmente, permitiu-me desvelar situações e caminhos que podem ser contornados com maior segurança, efetividade e sem constrangimentos, objetivando um crescimento pessoal e profissional. Em meu entender, e não obstante os anos de experiência como docente de Educação Moral e Religiosa Católica, a Prática de Ensino Supervisionada (PES) propícia e valoriza a construção pessoal do conhecimento, possibilitando novas formas de apreender, de compreender, de atuar e de resolver problemas, permitindo que se adquira maior consciência e controle sobre o que se faz. Ou seja, o professor é capaz de construir a sua profissionalização ao examinar, interpretar e avaliar diferentes aspetos da prática pedagógica, tais como: a compreensão dos conteúdos pelos alunos, o tipo de relações interpessoais que se estabelecem entre ele e os alunos, bem como a dimensão burocrática da prática pedagógica.

O professor de Educação Moral e Religiosa Católica, para além de um transmissor de conteúdos inerentes à disciplina, deve ser um indivíduo capaz de humanizar a caminhada dos

seus alunos. É junto destas crianças e jovens que o docente de EMRC exprime e deixa transparecer o seu testemunho de uma vida verdadeiramente cristã.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIA SAGRADA, Edições Paulistas, São Paulo, 1993.

NOVO TESTAMENTO, *A Boa Nova para toda a gente*, Sociedade Bíblica, Lisboa, 1993²⁵.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática, *Dei Verbum*, nº 4, 1964.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática, *Lumen Gentium*, nº 42, 1964.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral, *Gaudium et Spes*, nº 22, 1965.

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral, *Gaudium et Spes*, nº 31, 1965.

CONCÍLIO VATICANO II, Declaração sobre a Educação Cristã, nº 2, 1962.

ALTET, Marguerite, *Análise das Práticas dos Professores e das Situações Pedagógicas*, Porto Editora, Porto, 2000.

AMBRÓSIO, Juan Francisco, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*, in *Communio*, Revista Internacional Católica, Ano XVIII, 2001, 5.

AGRUPAMENTO DR. FRANCISCO SANCHES, *Projeto Educativo*, Braga, 2009.

BOFF, Leonardo, *A oração de São Francisco. Uma mensagem de paz para o mundo atual*, Sextante, Rio de Janeiro, 1999³.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Fátima, 2006.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Escola em Portugal. Educação integral da pessoa humana*, Fátima, 2008.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Enquadramento da disciplina de EMRC*, Fátima, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, nº 73, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 1998.

DE PINHO, Arnaldo, *Jesus Cristo: Quem é?*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2004².

DE QUEIROZ, Eça, *Contos de Eça de Queiroz*, Livros do Brasil, Lisboa, 1984.

DUQUOC, Christian, *Jesus, Homem livre. Esboço de uma cristologia*, Paulinas, Lisboa, 1979.

DUQUOC, Christian, *Cristologia; ensaio dogmático I. O homem Jesus*, Edições Loyola, São Paulo, 1992.

DUQUOC, Christian, *Jesús, hombre libré. Esbozo de una cristología*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2005².

- DURRWELL, François-Xavier, *A morte do Filho. O mistério de Jesus e do homem*, Loyola, São Paulo, 2009.
- FRANÇA MIRANDA, Mario de, *A salvação de Jesus Cristo. A doutrina da graça*, Loyola, São Paulo, 2004².
- FOHRER, Georg, *História da religião de Israel*, Paulinas, São Paulo, 1982².
- GALDINO FELLER, Vitor, *O sentido da salvação. Jesus e as religiões*, Paulinas, São Paulo, 2005.
- GARCIA RUBIO, Alfonso, *O encontro com Jesus Cristo vivo. Um ensaio de cristologia para os nossos dias*, Paulinas, São Paulo, 1987.
- GONZÁLES ECHEGARAY, Joaquín, *A Bíblia e seu contexto. Introdução ao estudo da Bíblia. V. 1*, Edições Ave-Maria, São Paulo, 1994.
- GNILKA, Joaquim. *Jesus de Nazaret, Mensaje e história*, Barcelona, 1993.
- HAROLD DODD, Charles, *O Fundador do cristianismo*, Edições Paulinas, São Paulo, 1976.
- HORSLEY, Richard, *Jesus e o império. O reino de Deus e a nova desordem mundial*, Paulinas. São Paulo, 2004.
- JOÃO PAULO II, *Conhecer o Património do Cristianismo e transmiti-lo de maneira autêntica. Discurso aos participantes no Simpósio Europeu sobre o Ensino da Religião Católica na Escola Pública, 15/04/1991, in L'Osservatore Romano, nº 16, 21/04/1991.*
- LEITE, Teresa, *Planeamento e concepção da acção de ensinar*, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2010
- MAGNANI, Giovanni, *Jesus construtor e mestre. Novas perspectivas sobre o seu ambiente de vida*, Santuário, São Paulo, 1998.
- MARTÍN RODRÍGUEZ, Francisco. *Jesus, relato histórico de Deus. Cristologia para viver e rezar*, Paulinas, São Paulo, 1997.
- MEIER, Jonh Paul, *Um judeu marginal. Repensando o Jesus histórico*, II, 2, Editora Imago, Rio de Janeiro, 1997.
- MICHAEL, Henry, *Palavras de Cristo*, Edições Calibri, Lisboa, 2003.
- MIEN, Aleksandr, *Jesus Mestre de Nazaré. A história que desafiou 2000 anos*, Editora Cidade Nova, São Paulo, 1998.
- MOLTMANN, Jürgen, *Trindade e Reino de Deus. Uma contribuição para a teologia*. Petrópolis, Vozes, 2000.
- OTADUY, Jorge, *La enseñanza religiosa escolar durante el pontificado de Juan Pablo II*, in *Cadernos doctorales*, nº 15, 2006.

- PANNENBERG, Wolfhart, *Teologia sistemática II*. Editora Academia Cristã, Santo André; Paulus, São Paulo, 2009.
- PIKAZA, Xabier, *A figura de Jesus. Profeta, taumaturgo, rabino, messias*, Petrópolis: Vozes, 1995.
- PIXLEY, Jorge e BOFF, Clodovis. *Opção pelos pobres*, Petrópolis, Vozes, 1987².
- RATZINGER, Joseph, *Jesus de Nazaré. Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Princípia Editora, Cascais, 2011¹.
- ROLDÃO, Maria do Céu, *Estratégias de Ensino. O Saber e o Agir do Professor*, Fundação Manuel Leão, Vila Nova de Gaia, 2009.
- SALDARINI, Anthony, *Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese*. Paulinas, São Paulo, 2005.
- SILVA NUNES, Tomaz da, *O perfil do docente de Educação Moral e Religiosa Católica in Fórum de EMRC*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2005.
- SILVA NUNES, Tomaz da, *Sobre as finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica*, in *Pastoral Catequética*, Revista de Catequese e Educação, Ano 2, Maio-Agosto 2006, 5, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2006.
- SCHILSON, Arno e KASPER, Walter, *Cristologia. Abordagens contemporâneas*, Loyola, São Paulo, 1990.
- SCHIMIDT, Francisco, *O pensamento do Templo. De Jerusalém a Qumran. Identidade e laço social no judaísmo antigo*, Loyola, São Paulo, 1998.
- SCHILLEBEECKX, Edward, *Deus e o homem*, Paulinas, São Paulo, 1969.
- SCHILLEBEECKX, Edward, *En torno al problema de Jesús. Claves de una cristología*. Ediciones Cristiandad, Madrid, 1983.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana. Revelação de Deus*, Paulus, São Paulo, 1994.
- SCHÜRMAN, Heinz, *El destino de Jesús. Su vida y su norte. Esbozos cristológicos recopilados y presentados por Klaus Scholtissek*, Sígueme, Salamanca, 2003.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, 2007.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Metas Curriculares de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, 2013.
- SOBRINO, Jon, *Cristologia a partir da América Latina. Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*, Petrópolis, Vozes, 1983.
- SOBRINO, Jon, *Fora dos pobres não há salvação. Pequenos ensaios utópicos-proféticos*, Paulinas, São Paulo, 2008.

WOODS, Peter, *Investigar a Arte de Ensinar*, Porto Editora, Porto, 1999.

VEIGA, Américo, *A Educação Hoje*, Editorial Perpétuo Socorro, Vila Nova de Gaia, 2005.

ZABALA, Antoni, *A Prática Educativa*, ArtMed, São Paulo, 1998.

ZABALZA, Miguel, *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*, Edições ASA, Rio Tinto, 1994.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei n.º 46/86 de 14 de outubro in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série - N.º 237 - 14 de outubro de 1986.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, resolução n.º 74/2004 de 18 de maio de 2004 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série A - N.º 269 - 16 de novembro de 2004.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA, Almedina, Coimbra, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Decreto-Lei n.º 323/83 de 5 de julho de 1983 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série - N.º 152 - 5 de julho de 1983.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Portaria n.º 333/86 de 2 de julho de 1986 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série - N.º 149 - 2 de julho de 1986.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho n.º 17169/2011 de 23 de dezembro de 2011 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2.ª série — N.º 245 — 23 de Dezembro de 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho n.º 5306/2012 de 2 de abril de 2012 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2.ª série — N.º 77 — 18 de abril de 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho n.º 10874/2012 de 10 de agosto de 2012 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2.ª série — N.º 155 — 10 de agosto de 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Decreto-Lei n.º 70/2013 de 23 de maio de 2013 in DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª série - N.º 99 - 23 de maio de 2013.

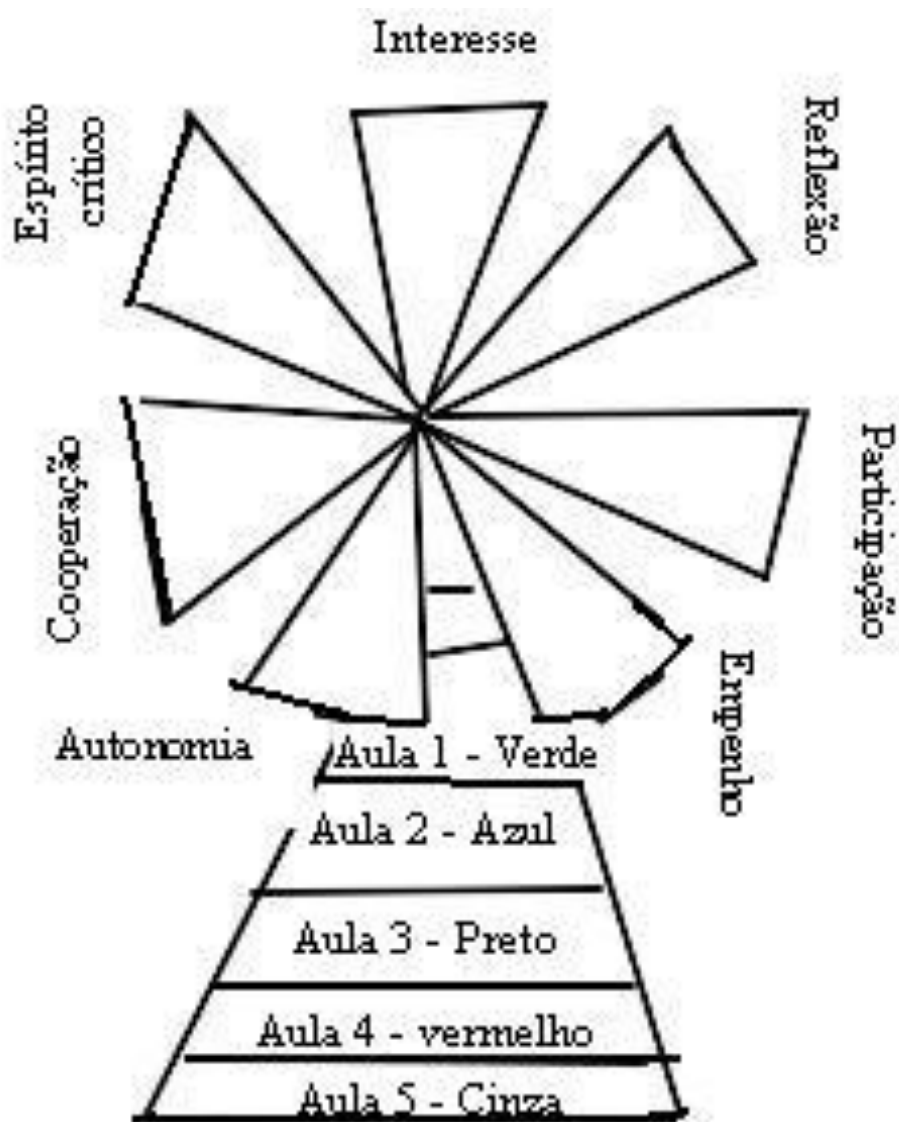
ANEXOS

Apresentam-se, de seguida, alguns dos recursos didáticos utilizados na lecionação da unidade letiva *Jesus, Um Homem para os outros*.

Fazem parte de um vasto e diversificado conjunto de materiais disponibilizados na íntegra no Dossier de Estágio.

AVALIAÇÃO ATITUDINAL

“Técnica do Moinho”



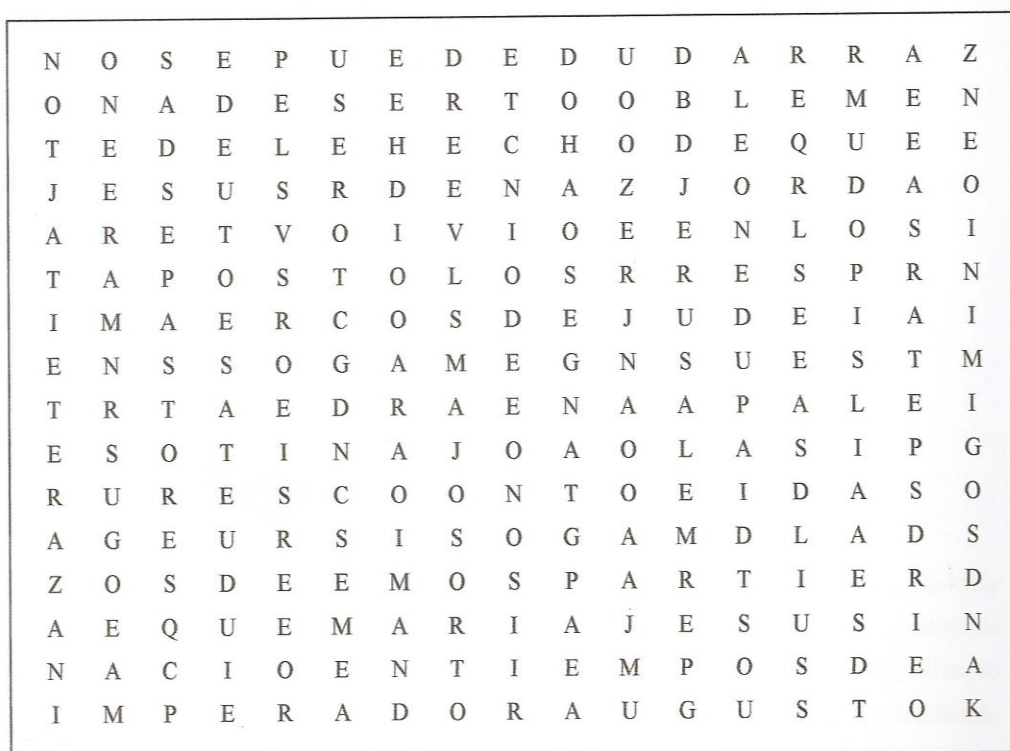
Este instrumento foi criado por mim para avaliar as atitudes que me pareceu desejável promover no âmbito geral da unidade *Jesus, Um homem para os outros*: interesse, empenho, cooperação, autonomia, participação, reflexão e espírito crítico. Deste conjunto, em cada aula serão contempladas aquelas que melhor se adequem aos conteúdos a abordar e aos objetivos propostos.

SOPA DE LETRAS

“Conceitos relacionados com a vida de Jesus Cristo”

1. Procura as seguintes palavras na sopa de letras. Estas podem estar escritas em qualquer direção ou sentido.

Deserto – Jordão – Apóstolos – Imperador Augusto – João – Magos-Maria – Nazaré – Pastores –
Jerusalém – Inimigos – Galileia – José – Judeia – Jesus .



A sopa de letras foi um dos recursos utilizados na primeira aula, com o intuito de consolidar conhecimentos sobre os atributos/mensagem de Jesus Cristo. O objetivo era estimular a participação, o interesse, o empenho e a autonomia dos alunos, uma vez que estes teriam que encontrar e circundar as palavras escondidas, dispostas verticalmente, horizontalmente ou diagonalmente. Foi fornecida a lista de palavras escondidas para reduzir o tempo de resolução, uma vez que este é sempre uma condicionante em aulas de quarenta e cinco minutos.

NASCIMENTO, VIDA E MORTE DE JESUS CRISTO

“Guião orientador”















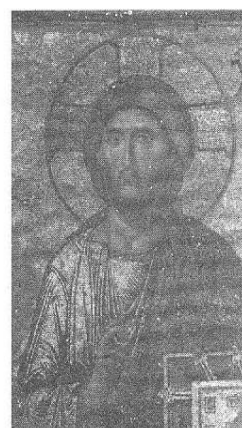
A visualização de algumas imagens alusivas ao nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo foi a forma encontrada para melhorar o desempenho cognitivo, afetivo, comunicacional e relacional dos alunos. A introdução do elemento imagem num dos momentos da aula tinha como objetivo transformar os conteúdos em conhecimento, tornando os alunos mais críticos e conhecedores da pessoa que foi Jesus Cristo, além de propiciar o desenvolvimento do raciocínio, da criatividade e do pensamento crítico dos alunos.

FICHA DE TRABALHO

1. Lê atentamente as frases que se seguem.

1.1. Liga a Jesus apenas aquelas que se referem à sua presença na história.

- a) Jesus ficou conhecido como Jesus de Nazaré.
- b) Falava de um Reino de poder e riqueza.
- c) Jesus nasceu por volta do ano 6 ou 7 a.C.
- d) O calendário que hoje usamos tem 3.000 anos.
- e) O calendário usado no Ocidente chama-se Gregoriano.
- f) Jesus nasceu em Belém de Judá.
- g) O pai de Jesus chamava-se José e a sua mãe Maria.
- h) Jesus falava de um reino de amor que está no coração de cada um.

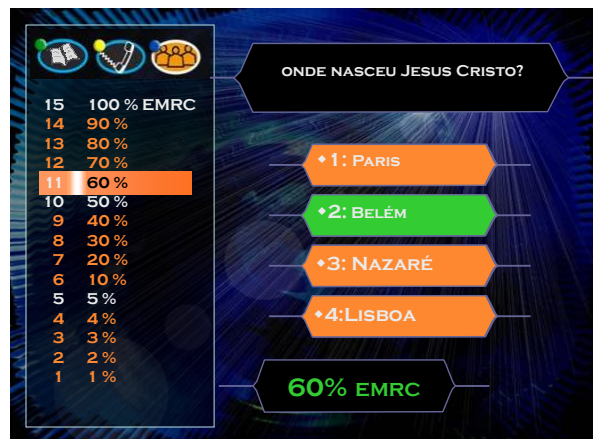


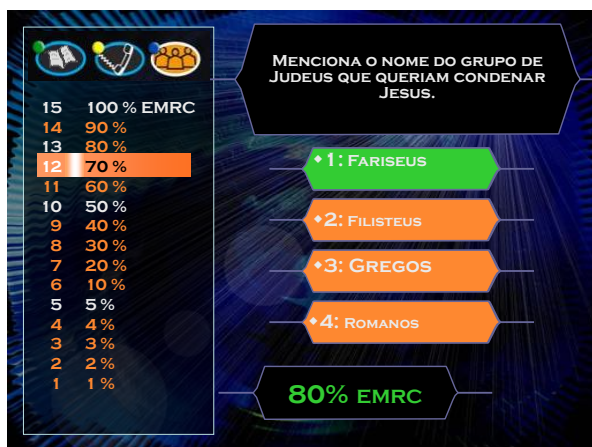
Este recurso didático visa essencialmente a consolidação de conhecimentos sobre o nascimento, vida e mensagem de Jesus Cristo.

JOGO

“Quem quer ser EMRC”







Na quarta aula foi utilizando um jogo intitulado “Quem quer ser 100% EMRC?” que não pode ser visto como uma atividade de diversão. O jogo constituiu um facilitador da aprendizagem dos conteúdos relativos à vida política de Jesus, contribuindo simultaneamente para o desenvolvimento pessoal, social e cultural dos discentes, estimulando a socialização, a comunicação, a expressão e a construção do conhecimento.

Este jogo propiciou um maior empenho e relacionamento entre os alunos, ensinando-os a ganhar e a perder, a respeitar a ordem, a aceitar as frustrações e a expressar as suas emoções. Foi uma atividade mental que integrou duas dimensões do desenvolvimento humano, a cognitiva e a afetiva.

MÚSICA

“Acolhe a vida”

Há uma Vida escondida em ti,
Ancorada no fundo do teu coração.
A esperança que é Cristo
Eleva o teu ser
E na dor e na dúvida, segue junto a ti.

Acolhe a Vida
Deixa Deus entrar.
Ele é o caminho
Deixa-te guiar.

Não tenhas medo a Vida só quer que tu sejas feliz.
Não tenhas medo a Vida só quer que tu sejas feliz.

Há um caminho para percorrer
E só Cristo pode pegar-te na mão.
Procura em ti, a fonte de amor
Podes saciar a sede de alguém.

Acolhe a Vida
Deixa Deus entrar.
Ele é o caminho
Deixa-te guiar.

Não tenhas medo a Vida só quer que tu sejas feliz.
Não tenhas medo a Vida só quer que tu sejas feliz.

Canção de um Grupo Catequético Juvenil de Santarém

A música *“Acolhe a vida”* foi utilizada para estimular a aprendizagem do valor da vida, despertando o interesse e a criatividade. Outros objetivos poderiam ser alcançados, como a melhoria da linguagem, da coordenação, da perceção auditiva, rítmica, das orientações temporal e espacial, do equilíbrio e, principalmente, da comunicação. O ritmo da canção e a sua posterior reprodução pelos alunos, induziu ao movimento, à maior atividade cerebral, além de despertar neles o gosto de cantar, dançar e melhorar ou acelerar o seu desenvolvimento educacional.

Decoração da armação de um guarda-sol

“Os valores que dão sentido à vida”





A atividade lúdica de decorar a armação de um guarda-sol com os valores que dão sentido à vida foi uma experiência de aprendizagem que despertou os alunos para o questionamento, o conhecimento, a criação e a recriação cultural. Afigurou-se um desafio cognitivo porque permitiu aos alunos aplicarem os conceitos adquiridos sobre a temática: *Jesus, Um homem para os outros*. Por outro lado, foi uma atividade pedagógica que os alunos realizaram com prazer e com um papel importante no desenvolvimento de atitudes: interesse, empenho, participação, reflexão e cooperação.